



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ- UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS- CSHNB
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MARIA FRANCISCA DE SOUSA RODRIGUES

A MORADA DO SOL NOS PICOS URBANOS:

A formação do bairro Morada do Sol na cidade de Picos e a construção de sua identidade marginal (1980-1990)

PICOS - PI

2015

MARIA FRANCISCA DE SOUSA RODRIGUES

A MORADA DO SOL NOS PICOS URBANOS:

A formação do bairro Morada do Sol na cidade de Picos e a construção de sua identidade
marginal (1980-1990)

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em História, da Universidade Federal do
Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos
Santos.

PICOS - PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

R6961m Rodrigues, Maria Francisca de Sousa

A morada do sol nos picos urbanos: a formação do bairro Morada do Sol na cidade de Picos e a Construção de sua identidade marginal [1980-1990] / Maria Francisca de Sousa Rodrigues. – 2015.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (58f.)

Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2015.

MARIA FRANCISCA DE SOUSA RODRIGUES

A MORADA DO SOL NOS PICOS URBANOS:

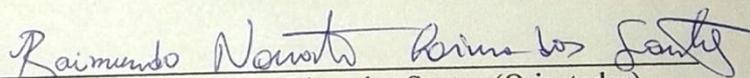
A formação do bairro Morada do Sol na cidade de Picos e a construção de sua identidade marginal (1980-1990)

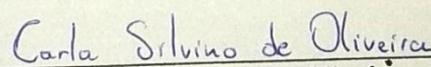
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História.

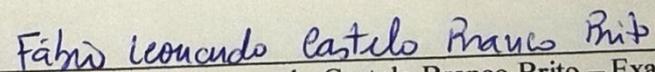
Orientador: Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos (Orientador)
Universidade Federal do Piauí


Prof. Ms. Carla Silvino de Oliveira – Examinadora
Universidade Federal do Piauí


Prof. Ms. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito – Examinador
Universidade Federal do Piauí



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905, Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao primeiro (01) do mês de Julho de 2015, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Maria Francisca de Sousa Rodrigues** sob o título **A morada do sol nos picos urbanos: a formação do bairro Morada do Sol no município de Picos e a construção de sua identidade marginal (1980-1990)**.

A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Me. Raimundo Nonato Lima dos Santos

Examinador 1 : Profª Ma. Carla Silvino de Oliveira

Examinador 2: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Deliberou pela APROVAÇÃO do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 50,0.

Picos (PI), 01 de Julho de 2015

Orientador (a): Raimundo Nonato Lima dos Santos
Examinador (a) 1: Carla Silvino de Oliveira
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Ao Senhor meu Deus, pela força de superação
que me concebeste nos momentos difíceis.
Aos meus familiares, amigos e todos os que
acreditaram em mim me proporcionando apoio
através de gestos carinhosos ou palavras de
conforto.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este percurso poucas não foram as minhas lágrimas ao recordar de momentos que ficarão pra sempre marcados em mim. Momentos felizes compostos por aprendizado, brincadeiras entre amigos (encontrados ao longo da minha jornada), vitórias, superação. Como também momentos tristes cheios de desânimo, falta de fé, falta de esperança, sentimento de incapacidade. Todos contribuíram de forma par, para meu aprendizado me proporcionando a chegada nesta reta final carregada de conhecimento, afeto, esperança e acima de tudo com a certeza de que não existe obstáculo no mundo que nos impeça de alcançar os nossos objetivos, tudo depende da nossa força de vontade!

Inúmeras foram às barreiras colocadas no meu caminho, pouco foi o apoio e a força dos que me rodeavam, mais embora em menor número que os obstáculos, a fé e as palavras esperançosas dos que me acompanhavam foram o suficiente para conseguir seguir em frente e alcançar esta vitória.

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela força, ao me fazer em meio as minhas angústias ver além do que me impunham. Em segundo aos meus pais Edivaldo e Heliete que embora tenham nascido em meio à pobreza sem ter a chance de ter contato com o mundo das letras, dedicaram cada dia de suas vidas desde o meu nascimento para me proporcionarem o melhor que pudessem dar dentro das condições que possuíam. Ainda nos meus primeiros anos me ensinaram que não tem herança melhor para um filho do que os estudos, me dedicando palavras de conforto nos meus momentos de desespero e vibrantes aplausos e abraços a cada barreira superada. Então embora leigos vocês são responsáveis pela minha paixão pelo mundo da leitura e do conhecimento, obrigada Pai e Mãe! É a vocês a quem dedico e devo eternamente esta e muitas vitórias que ainda estão por vir na minha vida.

Aos meus tios Domingos e Carleuza, por me acolherem nesta cidade aceitando a minha moradia debaixo do seu teto me acolhendo com carinho e dedicação paternais. Aos seus filhos, meus primos Karlene e Emanuel que também me receberam e me proporcionaram momentos de muita felicidade juntamente a um imenso carinho fraterno a quem dedico hoje um imenso amor de irmão.

Aos meus irmãos Valdinar e José obrigada pelo apoio (que não foi pouco) nesta caminhada e em todos os momentos das nossas vidas. Aos meus companheiros de jornada Erik, Levy, Luis Yago, Gleyciane e Stéfany, obrigada a todos pela companhia e parceria nesta jornada de quatro anos e meio, agradeço por me proporcionarem momentos felizes de descontração, apoio a cada dificuldade encontrada e comemoração a cada obstáculo vencido,

enfim me sinto abençoada por todos os momentos que me foram permitidos viver ao lado de vocês.

Ao meu professor orientador Raimundo Nonato Lima dos Santos, por dedicar parte do seu tempo ao desenvolver da minha pesquisa, hoje posso dizer com firmeza que conseguiste me fazer encontrar dentro de mim o potencial que possuía, embora sempre tenha sido encantada pelas cidades (característica típica de uma menina que nasceu no interior) fora somente através dos teus ensinamentos ao longo destes anos que consegui aumentar ainda mais a minha admiração pelos *espaços urbanos*, vendo através das tuas palavras o universo de sensibilidades que é desenvolvido além da estrutura física das cidades.

A todo o corpo docente que compõe o curso de História que me acompanhou de forma direta ou indireta, me transmitindo seus conhecimentos, se tornando responsáveis pelo crescimento da minha bagagem intelectual juntamente a minha formação acadêmica.

Aos entrevistados por compartilharem comigo suas vivências, e as pessoas que encontrei pelo caminho me proporcionando fontes que permitiram o desenvolver da minha pesquisa. Enfim deixo aqui o meu muito obrigado a todos que cruzaram o meu caminho ou que me direcionaram para minha vitória, tornando este momento ainda mais especial e inesquecível para a minha vida. Obrigada a todos!

RESUMO

O presente trabalho analisa as práticas cotidianas dos moradores do bairro Morada do Sol na cidade de Picos, estado do Piauí nas décadas de 1980 e 1990. Faz uso da memória dos seus moradores para compreender como ocorreu o processo de formação do bairro e da construção de sua identidade marginalizada. Tem como base fontes orais, documentais e hemerográficas; bem como reflexões teóricas em autores como Raquel Rolnik, Sandra Pesavento e Erving Goffman. Discute o *olhar da mídia* no período proposto, relacionando este com os discursos apresentados pelos moradores de diferentes pontos da cidade de Picos que começou a perder seus ares de cidade pequena do interior como consequência do aumento populacional que sofreu forçando o surgimento de bairros em áreas impróprias para habitação.

Palavras-Chave: Bairro; Morada do Sol; Cotidiano; Identidade; Picos.

ABSTRACT

This paper analyzes the daily practices of the residents of the neighborhood *Morada do Sol* in the city of Picos, state of Piauí in the 1980s and 1990s. It makes use of the memory of its residents to understand how was the process of neighborhood formation and building of a marginalized identity. It is based on oral, documentary and newspaper sources; as well as theoretical reflections on authors such as Raquel Rolnik, Sandra Pesavento and Erving Goffman. Discusses the media look at the proposed period, relating this to the speeches made by residents of different parts of the city of Picos that began to lose its small town in the air as a result of population increase that suffered forcing the emergence of neighborhoods in inappropriate areas for housing.

Key-words: Neighborhood; Morada do Sol; Daily; Identity; Picos.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Mapa do Bairro Morada do Sol da cidade de Picos-PI.	15
FIGURA 02: Vista do bairro Morada do Sol para os bairros São José (ao meio na parte baixa) e o Aerolândia (na parte superior do morro a frente).....	16
FIGURA 03: Diferentes construções na Rua Jerusalém com esgoto correndo por valas a céu aberto.....	21
FIGURA 04: Creche Zeca Curica e Escola Morada no Sol, funcionando no mesmo prédio localizada na Rua Projetada 120.....	24
FIGURA 05: Igreja Católica paróquia de Cristo Rei, localizada ao lado da escola na Rua Projetada 120.....	24
FIGURA 06: Quadra do bairro Morada do Sol.....	25
FIGURA 07: Rua Projetada 293 com vista ao fundo para o bairro Morada Nova.....	26
FIGURA 08: Escada situada na Rua Elizeu Nunes no bairro São José que dá acesso ao bairro Morada do Sol.....	26
FIGURA 09: Tiros e morte em noite de terror na Morada do Sol.....	47

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Matérias sobre o bairro Morada do Sol veiculadas no jornal Vale do Guaribas. (1990 - 1999).....48

QUADRO 02: Perfil das ocorrências policiais do bairro Morada do Sol. (1990 - 1999).....52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 – PRÁTICAS COTIDIANAS E FORMAÇÃO DO BAIRRO MORADA DO SOL NA DÉCADA DE 1980	19
1.1 Um passeio pelo bairro Morada do Sol na atualidade. Vamos lá!.....	19
1.2 Viagem a um “passado presente”	28
2 – O BAIRRO VIOLENTO: DISCURSOS E CONTRADIÇÕES NA DÉCADA DE 1990	36
2.1 Discursos estabelecidos pelo <i>olhar do outro</i>	37
2.2 Analisando a mídia em 1990.....	44
2.3 Um exame sobre a Violência: Identidade manipulada ou realidade social?.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57

INTRODUÇÃO

Ao escolher o Bairro Morada do Sol como objeto da minha pesquisa, recordo-me de um dia da minha vida acadêmica em que presenciei a palestra de um professor que veio de Teresina, que com o seu olhar de “estrangeiro” descreveu a entrada da cidade de Picos Piauí como um ‘anfiteatro’, já que a cidade encontra-se situada entre grandes morros que nos leva a concordar com este cotejo. Nos dois morros que se encontram na entrada da cidade no sentido de Picos a Teresina estão situados dois grandes bairros em sua parte superior e extremidades (ver figura 01), que são o Morada do Sol (à esquerda) e o Aerolândia (à direita, abaixo) e entre eles e em suas extremidades estão os bairros, São José (à esquerda) e o bairro Bomba (à direita) com a BR 316 ao centro.

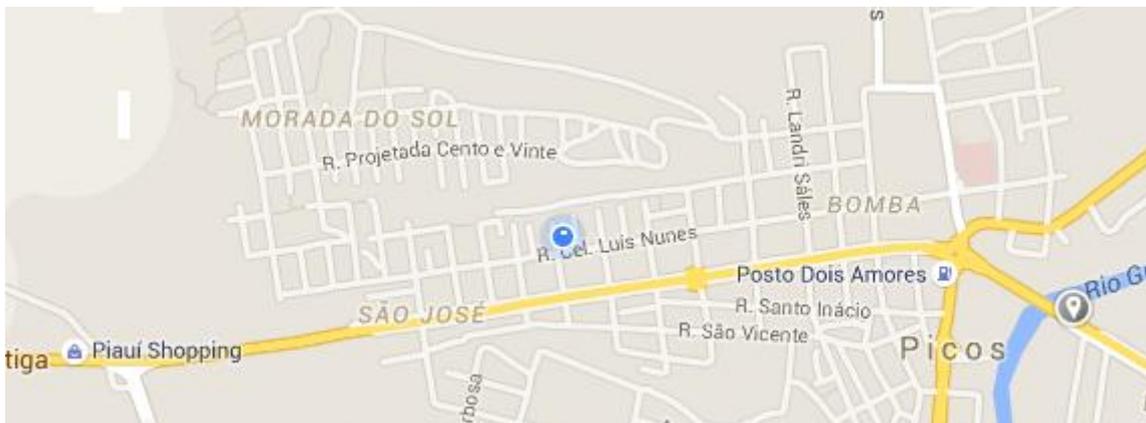


Figura 01: Mapa do Bairro Morada do Sol da cidade de Picos-PI em 18/12/2014.

Fonte: Google Maps. Acesso em 18/12/2014.

Partimos do pressuposto levantado por Roberto Lobato Corrêa (2000), de que a cidade é um espaço fragmentado, articulado, reflexo e condicionante social, ou seja, cada local da cidade embora compondo uma peça do seu “conjunto” ao estar fisicamente limitado começa a ser fragmentado por seus moradores. Portanto, inicia-se de forma invisível através de suas ações cotidianas a construção de uma identidade que parece ser “única” para aquele espaço, o que torna este ambiente particular para quem ali vive e ao mesmo tempo estes espaços urbanos começam a refletir a imagem da sociedade onde o mesmo esta localizado, momento este em que podemos ver suas qualidades e suas deficiências, como também alguns dos seus processos e modificações ao longo do tempo, refletidos através dos vários símbolos e marcas deixadas pelos antepassados daquele espaço social que neste momento é visto pelo autor como sendo um campo de batalhas. “[...] Mas o espaço urbano é um reflexo tanto de ações

que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente.” (CORRÊA, 2000, p. 08).

Diferente dos antigos anfiteatros romanos onde no centro estava localizado o palco e/ou a arena de espetáculos e ao seu redor a plateia para acomodação dos expectadores, sugerimos ver o centro deste anfiteatro, a BR 316, como o local que acomoda a plateia já que por ela transitam diariamente vários ‘expectadores’.

Já os morros ao seu redor, majestosos em suas dimensões físicas, que estão ali visivelmente parados, e também os outros dois bairros que se localizam em suas laterais abrigam uma particularidade que os denomina. Denominação esta, proporcionada de diferentes formas em diferentes tempos por seus habitantes, o que torna estes locais de acordo com Michel de Certeau (2008) um pedaço da cidade que ao receber um limite espacial nos permite distinguir o espaço público do privado, sendo estes os ‘palcos’ onde diariamente seus expectadores podem observar de longe o seu desenvolvimento.

Diferente de espetáculos teatrais, este desenvolvimento ocorre de forma lenta, exigindo uma maior atenção dos seus expectadores, cada um de uma forma diferente, os expectadores na maioria das vezes por não viverem nestes locais nunca entenderão o que de fato acontece, o que torna estes espetáculos ainda mais valiosos e particulares para as pessoas que contribuem para sua continuidade já que “[...] O imaginário urbano, em primeiro lugar, são as coisas que o soletram. Elas se impõem. Estão lá, fechadas em si mesmas, forças mudas. Elas têm caráter. Ou melhor. São ‘caracteres’ no teatro urbano. Personagens secretos.” (CERTEAU, 2008, p. 192).



Figura 02: Vista do bairro Morada do Sol para os bairros São José (ao meio na parte baixa) e o Aerolândia (na parte superior do morro a frente) em 18/ 12/ 2014.

Fonte: Arquivo pessoal de Maria Francisca de Sousa Rodrigues.

Perante minha curiosidade de expectadora/pesquisadora, busquei então adentrar-me nas entranhas de um destes espetáculos ocorrido no bairro Morada do Sol e desvendar como ele surgiu, quais sujeitos o criaram e também compreender o surgimento de algumas particularidades que proporcionaram um valor considerado único para o seu elenco. Ou seja, como fora construído o cotidiano e a identidade do bairro visto que:

Ora, o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se portanto apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um *espaço privado particularizado* pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. (CERTEAU, 2008, p. 40).

Analiso então este espetáculo citadino, tentando compreender como a identidade de **“bairro violento”** foi construída; que sujeitos contribuíram para a construção desta imagem identitária; e de que forma esta imagem influencia no cotidiano de seus moradores interferindo no seu dia-dia. Pois ao transitarem em outros espaços da cidade diante das múltiplas identidades que cada um possui, percebi que estes moradores vivenciam repreensões e preconceitos direcionados por moradores daqueles outros espaços por onde transitam, momento este em que devemos considerar a cidade como sendo “[...] um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa.” (PESAVENTO, 2007, p. 17).

Ao trabalhar como ocorreu a construção física e social do bairro Morada do Sol, de acordo com Pesavento (2007) necessário se faz que a memória de antigos moradores nos ajude a construir a imagem do bairro no passado. Portanto, fiz uso da História Oral que nos trás uma experiência do vivido no passado e que ao ser transmitido para os que vivem o presente trás de volta uma das identidades que o bairro possuiu no início de sua formação. Momento este em que teremos refletida não somente uma das primeiras imagens do bairro como também da cidade onde o mesmo se localiza e também da sociedade no qual se encontrava inserido já que “o desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que o construíram, denota o seu mundo.” (ROLNIK, 1995, p. 17). Portanto, será possível compreender como ao longo do tempo as identidades deste bairro foram construídas e quais fatores contribuíram de certa forma para o predomínio de uma identidade – “bairro violento” –, em relação às outras.

O primeiro capítulo – **Práticas cotidianas e formação do bairro Morada do Sol na década de 1980** – faz um passeio pelo bairro Morada do Sol na atualidade, para se observar os discursos que circulam pelo bairro e como se encontra a sua estrutura física, observando também as práticas cotidianas que se desenvolvem dentro do seu espaço por quem ali vive. Mais a diante é realizada uma viagem no tempo à procura de observar como aconteciam estes mesmos diálogos e práticas cotidianas dos moradores do bairro Morada do Sol na década de 1980 quando o bairro começou a ser povoado, situando a pesquisa no espaço e no tempo e observando as relações entre passado e presente, bem como as rupturas e continuidades.

O segundo capítulo – **O bairro violento: discursos e contradições na década de 1990** – analisa os discursos proferidos por moradores de bairros vizinhos ou distantes do bairro Morada do Sol no início de sua construção, a procura de identificar em suas falas, o(s) lugar(es) de construção desta *identidade marginalizada* que o bairro carrega na atualidade ao precisar utilizar-se de outros espaços da cidade e também no momento em que pessoas de outros espaços da cidade de Picos evitam circular pelo bairro Morada do Sol por sentirem medo de seus moradores.

Num segundo instante são analisados os discursos propagados pela mídia picoense, principalmente através das manchetes do jornal Vale do Guaribas situado em Picos Piauí, que sempre colocava matérias em destaque sobre atos violentos ocorridos no bairro Morada do Sol, fato este que contribuiu para a criação de sua identidade marginal por outros espaços da cidade. E por último, é realizado uma relação entre as matérias divulgadas no jornal Vale do Guaribas e das falas dos moradores de dentro e de fora do bairro Morada do Sol com os boletins de ocorrência realizados em Picos naquele período denunciando crimes praticados naquele bairro a procura de autenticar ou não a veracidade das falas da mídia e da população que marginalizam o referido bairro. Iniciemos a nossa caminhada!

Capítulo 1

PRÁTICAS COTIDIANAS E FORMAÇÃO DO BAIRRO MORADA DO SOL NA DÉCADA DE 1980.

Neste primeiro capítulo realizaremos um passeio pelo bairro Morada do Sol atualmente em pleno século XXI, em busca de reconhecer seu espaço físico atual. Entendemos que a partir deste reconhecimento do presente seja possível perceber traços e reflexos do seu passado, tanto dentro da sua estrutura física e arquitetônica, quanto em suas práticas cotidianas já que dentro de um espaço urbano o “[...] seu presente se reinventa de hora em hora, no ato de lançar o que adquiriu e de desafiar o futuro”. (CERTEAU, 2008. p. 157).

O objetivo é expor o presente através do cotidiano deste bairro para que se possa analisar a possibilidade da formação de uma identidade ser condicionada por fatores que foram construídos através de um longo processo histórico. Ou seja, antes de trabalhar o passado os historiadores precisam ter conhecimento do presente, em busca de se construir uma consciência que o passado não vive isolado, tão pouco o presente. De acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007) ambos vivem lado a lado em vista que o presente é reflexo do passado.

Dentro deste intuito de reconhecer através do cotidiano do bairro Morada do Sol quais traços de um passado não tão distante ele ainda abriga ou quais características foram determinadas através de um processo social para a sua construção física e imaginária, os convidamos logo de início a uma caminhada pelo bairro nos seus dias atuais onde através do contato com o seu cotidiano poderemos nos sensibilizar ao analisar o seu passado que logo a diante será também visitado e exposto, compreendendo assim quais acontecimentos foram determinantes para a construção de sua(s) identidade(s). Portanto, vamos nos apressar porque a caminhada é longa!

1.1 Um passeio pelo bairro Morada do Sol na atualidade. Vamos lá!

A rua conduz o flanador a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães, para um passado que pode ser tanto mais enfeitiçante na medida em que não é o seu próprio, ou particular. Contudo, este permanece sempre o tempo de uma infância. (BENJAMIM, 1989, p. 185).

Para Walter Benjamim (1989) andar pelas ruas da cidade era presenciar não só o presente mais enxergar além dele o passado que por ali permanecia através de vestígios

espalhados em cada parte do urbano. Raquel Rolnik (1995) também fala de uma cidade além de sua estrutura física, mais também escrita, política, entre outras características que se sobrepõe a qualquer prédio com estrutura firme, visível e palpável, a cidade também está na fala de seus moradores, nos seus hábitos diários, por isso o flunar se faz importante para o entendimento desta identidade como também de qual forma fora sendo construída.

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata... Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p. 07).

Ítalo Calvino (1990) fala de cidades refletidas através de cada objeto que a compõe. As marcas do passado estão expressas em partes das cidades, cada pedaço de chão, cada construção nova conta a história do passado daquele local, resultado de algum processo atravessado por aquele ambiente. As construções antigas também estão ali como marcas do passado, cicatrizes deixadas que compõem um conjunto de experiências que irão determinar a(s) sua(s) identidade(s).

A cidade é objeto da produção de imagens e discursos que se colocam no lugar da materialidade e do social e os representam. Assim, a cidade é um fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

A cidade é assim um ambiente composto por *sensibilidades*, sentidas e vividas por quem a compõem, sendo a partir disso *imaginária*, composta na mente de cada um. De formas diferentes essas *idades imaginárias* contribuem para a criação de uma identidade particular para cada morador, pois cada um através do seu imaginário cria para si um ambiente com simbologias e significados reconhecidos somente pelo seu subconsciente. Iniciamos nossa caminhada pelo bairro Morada do Sol em busca de ver em seus traços as marcas do seu passado, como também os aspectos do seu presente a procura de uma resposta sobre quais fatores contribuíram para a formação da sua(s) identidade(s).

Ao iniciar nosso trajeto depois de atravessar o Bairro São José, subimos uma imensa ladeira que dá acesso ao bairro, chegando à Rua Jerusalém, em primeiro lugar à nossa direita temos uma visão panorâmica da cidade de Picos- PI, de bairros vizinhos como o São José,

Aerolândia e Bomba, como também da BR 316 e ao fundo a Avenida Senador Helvídio Nunes de Barros.

Ao andarmos mais adiante nos deparamos com casas de muro alto, suntuosos aparentando ali viverem famílias de classe média alta, algumas térreas, outras sendo sobrados. O asfalto nessa rua é precário, quase inexistente sendo que há muita poeira, areia vermelha colorindo assim todas as construções que existem ali. Mais adiante vemos a tampa de um bueiro e algumas outras ao longo da rua, constatamos então que ali existe saneamento interno.

Poucos passos depois avistamos casas de pequeno porte, simples, sem muros, onde pudemos deduzir que ali vivem famílias de classe baixa, momento este que refletimos e sugerimos que dentro daquele mesmo *espaço privatizado* existe um contraste social que vive aparentemente em ‘harmonia’(ver figura 03). Encontramos então um terreno baldio cheio de ‘carcaças’ de carros e do lado deste terreno uma senhora estendendo suas roupas em um varal improvisado em frente à sua casa, momento em que nos levou a refletir que mesmo estando localizado em um espaço urbano próximo a BR 316 onde existe um dos maiores entroncamentos rodoviários do Estado, os moradores deste bairro dentro de sua particularidade conseguem preservar hábitos simples mais que na modernidade não são muito comuns em espaços urbanos. Ao andar um pouco mais percebemos que nesta mesma rua existem várias vielas todas sem calçamento, com chão batido e cheias de capim com esgoto ao ar livre correndo em frente às casas, tendo este problema como um reflexo da sociedade política na qual o bairro está inserido.



Figura 03: Diferentes construções na Rua Jerusalém, bairro Morado do Sol, em Picos com esgoto correndo por valas a céu aberto. Em 18/ 12/ 2014.

Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Francisca de Sousa Rodrigues.

Caminhando chegamos à Rua Projetada 120, compondo esta a rua principal deste bairro. À nossa esquerda do alto daquela parte da cidade avistamos o Bairro Morada Nova, ‘novo vizinho’ do Morada do Sol. Esta rua inicialmente possui alguns metros de asfalto todo esburacado, sendo este todo de cor avermelhada, mais adiante possui somente alguns metros de calçamento sem asfalto, dando continuidade a planície de cor avermelhada. Nesta avenida existem casas de várias formas, algumas inacabadas, outras pequenas e sem muros, outras grandes e com muros altos e alguns sobrados. Também possui um ponto de moto-táxi e alguns terrenos ainda baldios havendo lixo por todas as partes. Ao longo da rua percebemos que algumas casas de família possuem na frente algumas ‘vendinhas’ de pequeno porte, onde vendem suprimentos de cozinha, recargas de celular, bebidas, etc.

Com relação à pavimentação das ruas do bairro, este é um problema sério e antigo que os moradores do Bairro Morada do Sol enfrentam. O asfaltamento visivelmente precário só existe em menos da metade da Rua Projetada 120. Algumas poucas ruas ou vielas possuem um pouco de calçamento, mas por ser pouco e o restante ser dominado por um grande mar de terra vermelha, em alguns trechos destas ruas o calçamento está sendo soterrado pela areia. Sobre essa questão do calçamento das ruas o senhor José Francisco da Silva¹, explicou em depoimento que:

Já foi pedido muito às autoridades dessa cidade pra fazer pelo menos um calçamento aqui na Morada do Sol, entra prefeito, sai prefeito e tudo o que mais se pede aqui são melhorias na estrutura do bairro, mais o descaso é grande, em tempo de eleição mal fazem uma promessa que nunca se cumpre ao longo do mandato. (SILVA, 2015).

Ainda segundo o depoimento do senhor José Francisco da Silva, o mesmo diz que o mínimo de calçamento e asfalto colocado no bairro só foi feito a partir do mandato do ex-prefeito da cidade Gil Marques de Medeiros iniciado no ano de 2004 com duração até 2012, mais isso veio a ser feito depois de muitos pedidos e intervenções da população do bairro:

No momento tão aí arrumando umas ruas dizendo que é pra botar calçamento, mais já foram paradas as obras por falta de pagamento de acordo com os trabalhadores, agora é chamar a Deus com o tempo pra ver se ainda vejo esse lugar arrumado. (SILVA, 2015).

Mais adiante acaba o pouco calçamento existente e a avenida continua sendo por inteira de chão batido de cor avermelhado, avistamos mais vielas sem calçamento, uma com

¹ O senhor José Francisco da Silva, 72 anos, Marceneiro aposentado é morador do bairro Morada do Sol há 26 anos. **Depoimento** concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 13. Fev. 2015.

máquinas trabalhando e cavando valas no chão e outra com trabalhadores colocando calçamento. Deparamo-nos então com o prédio do C.R.A.S. (Centro de Referência de Assistência Social) do bairro, de onde mães saem com seus filhos pequenos. Ao lado vejo a Associação de Moradores do bairro, sendo esta improvisada em uma casa comum e estando de portas fechadas naquele horário. Em entrevista com Silvani da Silva Ribeiro² moradora do bairro desde meados da década de 1980, ela explicou que,

[...] A associação de moradores do bairro não funciona nunca o local tá aí apenas de fachada, quando muito fazem é uma eleição pra presidente, mais esse some não sei pra onde já que nunca aparece aí e também nunca aparecem os feitos de sua parte pra trazer melhorias pro nosso bairro. Quando é pra solicitar alguma coisa aqui na prefeitura o povo é que tem que ir lá se humilhar pra pedir com algum abaixo assinado, sendo que tem vez que o povo nem é recebido. (RIBEIRO, 2014).

Dentro deste relato podemos perceber um bairro com problemas de representação perante um órgão municipal, já que não possui sequer uma entidade de representatividade pública que cumpra com o seu papel de buscar melhorias para a vida dessa população, tornando esta uma comunidade desestruturada e ainda mais sensível e exposta ao preconceito vindo de outros espaços da cidade. Continuemos então nossa caminhada porque ainda nos resta muito chão a ser trilhado.

Seguindo mais um pouco vemos o templo da Igreja evangélica da Assembléia de Deus e também a Creche Zeca Curica (ver figura 04), que abriga séries de Nível Fundamental Menor desde o maternal até o 5º Ano nos períodos manhã e tarde atendendo as crianças do bairro, e também o EJA (Educação de Jovens e Adultos) frequentado pelos adultos do bairro que trabalham durante o dia e que por vários motivos não concluíram seus estudos quando mais jovens e agora pretendem completar o seu nível de ensino até como uma forma de se qualificarem melhor para o mercado de trabalho.

² Silvani da Silva Ribeiro, 41 anos, dona de casa, é moradora do bairro Morada do Sol há 28 anos. **Depoimento** concedido à Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 2014.



Figura 04: Creche Zeca Curica e Escola Morada no Sol, funcionando no mesmo prédio localizada na Rua Projetada 120. Em 19/ 06/ 2015. Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Francisca de Sousa Rodrigues.

Ao lado da escola está localizada a igreja católica do bairro com frente cercada por um muro baixo com grades de ferro (Ver figura 05), sendo Cristo Rei padroeiro desta paróquia. A igreja ainda não possui um pároco residente, ficando então o padre Adalto Vieira dos Santos Filho – pároco da Igreja de São José Operário localizada no Bairro São José – juntamente com o Conselho Paroquial do bairro, composto por 14 membros, responsável pela celebração de seus eventos religiosos, como missas semanais, batizados, casamento, entre outros.



Figura 05: Igreja Católica paróquia de Cristo Rei, localizada ao lado da escola na Rua Projetada 120. Em 19/ 06/ 2015. Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Francisca de Sousa Rodrigues.

Podemos perceber então a existência de duas igrejas com diferentes doutrinas convivendo em um mesmo espaço, compartilhando das mesmas experiências cotidianas. Neste momento lembro-me de Roberto Lobato Correa (2000) que concebe o espaço urbano como sendo fragmentado, articulado e reflexo da sociedade que abriga. Por mais fragmentado que seja o espaço urbano, dentro dele as relações de quem o habita estão sempre sendo articuladas mesmo cada um possuindo dentro da sua casa um ambiente particular, o fato de

estarem situados no mesmo espaço os obriga a se relacionarem uns com os outros, construindo através dessas relações uma identidade particular para aquele ambiente, familiar para quem está inserido nele.

Pouco mais adiante vemos o Centro de Saúde, sediado em um pequeno prédio, havendo três mulheres com seus filhos pequenos no colo esperando atendimento. O posto de saúde do bairro leva o nome de Dona Santa Nunes, em homenagem a primeira dama da cidade de Picos da década de 1930, Maria Gomes de Matos Nunes. Ao lado do posto de saúde se encontra um campo todo de areia vermelha (ver figura 06) com muros e grade alta encima dos mesmos, não possuindo nenhuma trave.



Figura 06: Campo do bairro Morada do Sol. Em 19/ 06/ 2015. Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Francisca de Sousa Rodrigues.

Após o campo tudo que avistamos é um imenso terreno vazio com algumas poucas construções em andamento mais dispersas e com duas estradas todas de terra dando acesso ao outro lado do bairro onde existem poucas casas construídas, tudo com muito contraste, algumas grandes e mais arrumadas outras pequenas mal acabadas ou em construção e sem muita ordem, vê-se que ali ainda surgem novas ruas, sendo estas construções ainda mal organizadas.

Nas laterais direita e esquerda do morro onde o bairro está localizado se encontram pequenos casebres alguns de taipa e também casas de alvenaria, bem estruturadas e com muros. Dobrando a esquerda nos deparamos com a Rua Projetada 293, lá se localizam pequenas casas, algumas de taipa, sem saneamento, calçamento e com ligações de energia

improvisadas em postes de madeira com esgoto visível para todos (ver figura 07), sendo que ao fundo logo atrás destas casas tenho uma visão panorâmica do ‘infante’ Bairro Morada Nova.



Figura 07: Rua Projetada 293, com vista ao fundo para o bairro Morada Nova.
Fonte: Google Maps. Acesso em 19/ 06/ 2015.

À direita, também deparamos com as extremidades do morro onde também podemos observar moradias precárias, algumas de taipa, outras de alvenaria com boa estrutura física, mas todas localizadas em áreas de risco, sem calçamento, ou saneamento básico. O esgoto de algumas casas escorre morro abaixo descendo nas ruas do bairro São José, logo à frente nesses extremos que dividem os dois bairros vejo algumas escadas dispersas entre uma rua ou outra (ver figura 08) que dão acesso a circulação de seus moradores, permitindo a ambos um grande contato, sendo que para os moradores do Bairro Morada do Sol terem acesso a qualquer outra parte da cidade de Picos precisam atravessar diariamente o bairro São José.



Figura 08: Escada situada na Rua Elizeu Nunes no bairro São José que dá acesso ao bairro Morada do Sol. Em 18/ 12/ 2014.

Fonte: Arquivo Pessoal de Maria Francisca de Sousa Rodrigues.

Ao andar em uma destas laterais avistamos embaixo de uma árvore em frente a uma casa na encosta do morro alguns amigos jogando bingo, crianças maltrapilhas de pés sujos de barro vermelho. Para os moradores do bairro, lidar com os pés sujos já é costume antigo, como podemos observar no relato de Silvani da Silva Ribeiro:

[...] quando eu era moça, lá perto dos anos 90 já, eu estudava lá embaixo no Marcos Parente [localizado no bairro Bomba desde aquela década até os dias atuais], sabe... Eu lembro que ia com minha irmã e mais umas colegas, a gente colocava os sapato dentro de uma sacola e descia o morro de chinelo passando pelo bairro São José, mais como esse ficava todo alagado e enlameado quando chovia aí a gente só calçava os sapatos de volta quando chegava na escola... Aí botava os chinelos sujos na sacola e como eu não tinha bolsa de carregar caderno ficava com a sacola do chinelo sujo na mão mesmo ou que acontecia que uns alunos ficavam de piadinha com a gente. (RIBEIRO, 2014).

Podemos constatar a partir da fala desta moradora antiga do bairro que um dos problemas que os moradores enfrentaram no início do povoamento mesmo tendo ocorrido há provavelmente 30 anos, continua se repetindo até hoje já que segundo a depoente seus filhos estudam na Unidade Escolar Petrônio Portela (localizada no bairro São José) e Unidade Escolar Marcos Parente (situada no bairro Bomba) e fazem a mesma ação que ela fazia há muitos anos atrás que era ter que colocar seus calçados em uma sacola e só calçar quando chegava à escola devido a grande quantidade de lama existente no bairro nos períodos chuvosos:

[...] Na minha mocidade me jogavam piadinha dizendo que eu morava no morro e chegava feito a gata borralheira, dia desses meu caçula chegou em casa chorando dizendo que os amiginhos tinham chamado ele de ‘neguinho’ da Morada do Sol por causa do pé sujo de barro quando ele tava se lavando, e também de filho de traficante pobre já que vinha a pé pra escola e chegava com a roupa suja, isso me indigna demais, somos de uma família honesta e trabalhadora nunca precisamos fazer mal a ninguém pra sobreviver não. (RIBEIRO, 2014).

Neste momento também podemos verificar o preconceito sofrido pelos moradores deste bairro que ocorre desde o seu princípio no momento em que necessitam interagir com outras pessoas que habitam determinados espaços da cidade, visto que antes no início do seu povoamento o preconceito ocorria somente por conta da estrutura física do bairro e hoje em dia existe mais um fator que fora se desenvolvendo com o passar do tempo que é a violência.

Ufa! Após esta caminhada pela história do tempo presente no Morada do Sol agora vamos dar uma olhada no passado iniciando pelo período em que o bairro foi construído, nos

atentando aos primeiros contatos entre seus moradores, primeiras sociabilidades que formaram este ambiente público *particularizado* por quem vive nele. Eis que surgia mais uma peça deste quebra-cabeça que compõe o *ethos* urbano, por favor acomodem-se e me acompanhem nesta viagem no tempo!

1.2 Viagem a um “passado presente”.

A década de 1980 foi um período conturbado para a sociedade brasileira, momento este em que nosso país ainda vivia dentro de uma longa Ditadura Civil-Militar que percorreu exatamente 21 anos da nossa história. No início dos anos 1980 iam-se às ruas pessoas em protesto reivindicando eleições diretas para Presidente da República – com o movimento “Diretas Já” – com esperanças de um dia ver o país viver finalmente dentro de uma democracia. Período em que toda a população do país desde os grupos dos “favelados” (estes aos poucos conseguiam direito de voz), classe média e alta, estudantes, toda a elite intelectual do país juntamente com os artistas partiram para as ruas em protesto organizados em grandes comícios em luta por uma sociedade democrática que respeitasse os direitos de todos e prezasse por conceber uma melhor qualidade de vida para a população, sem censura dando direito de voz ao povo.

Já na década de 1980 com a instabilidade do Regime e a força dos protestos nas ruas Cazuza cantava vibrante [...] *Brasil, mostra a tua cara /Quero ver quem paga /Pra gente ficar assim /Brasil /Qual é o teu negócio? /O nome do teu sócio /Confia em mim*³ protestando contra os escândalos políticos que ocorriam naquele período, as desigualdades sociais alarmantes e as injustiças praticadas pelo governo ditatorial.

Fazendo um apanhado geral do desenvolvimento do país durante o governo militar, de acordo com José Murilo de Carvalho (2004), no início ainda na década de 1960 a economia do país se encontrava em baixa, estando em 1963 o aumento do Produto Interno Bruto (PIB) pontuado em apenas 1,5% mais ainda em 1968 aumentou para 10% mantendo-se até 1976 tendo o seu auge de 13,6% ainda em 1973, neste período aconteceu o chamado “milagre” econômico brasileiro, mais a partir de 1977 este número começa a cair alcançando seu ponto mais baixo em 1983 de -3,2 %, subindo para 5% em 1984 que foi o último ano do governo militar. José Murilo de Carvalho (2004), ainda fala que em análise o que se desvendou é que esse crescimento econômico ocorreu de forma desigual perante os vários setores da sociedade, resultando em um crescimento acentuado das desigualdades sociais.

³Trecho da música “Brasil”, composta em 1988, cantada por Cazuza.

O aumento da desigualdade não era evidente na época. A nítida expansão da economia veio acompanhada de grandes transformações na demografia e na composição da oferta de empregos. Houve grande deslocamento de população do campo para as cidades. Em 1960 a população urbana era 44,7% do total, o país ainda era majoritariamente rural. Em 1980, em apenas 20 anos, ela havia saltado para 67,6%. Em números absolutos, a população urbana aumentara em cerca de 50 milhões de pessoas. Os efeitos catastróficos desse crescimento para a vida das grandes cidades só apareceriam mais tarde. Na época, a urbanização significava para muita gente um progresso, na medida em que as condições de vida nas cidades permitiam maior acesso aos confortos da tecnologia, sobretudo a televisão e outros eletrodomésticos. (CARVALHO, 2002, p. 169).

José Elierson de Sousa Moura (2014) fala que neste período no início da década de 1970 a cidade de Picos do Piauí ganhava destaque por ser considerada parte importante da Rodovia Transamazônica, fazendo com que fosse inserida no Programa de Integração Nacional (PIN), que objetivava integrar as regiões Norte e Nordeste com o resto do país. “[...] De acordo com o governo brasileiro, a cidade precisava do 3º BEC para empreender a construção da Transamazônica no Piauí e no Maranhão, além de outras estradas, como a que ligava Picos a capital do estado, Teresina.” (MOURA, 2014, p. 02). A vinda da infantaria do 3º BEC – Batalhão Visconde da Parnaíba da cidade de Natal no Rio Grande do Norte – ocasionou a mudança de vários militares com suas famílias para Picos, chamando também a atenção de moradores das áreas rurais do estado do Piauí, e de outros estados como Pernambuco, Ceará e Paraíba para migrarem para a cidade de Picos a procura de trabalho em busca de melhores condições de vida, ocasionando nesse período um inchaço populacional na cidade.

Por volta da primeira metade da década de 1970 a cidade de Picos ainda via sua área urbana concentrada em torno das margens do rio Guaribas e também da Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios. No final desta década início dos anos de 1980, com a chegada do 3º BEC e com a instalação de polos industriais, surgem novos bairros na cidade para atender a população que estava chegando, neste momento nasce o bairro Morada do Sol que inicialmente era chamado de Povoado Morada do Sol por estar localizado em uma área até então distante da zona urbana de Picos mas que vem a ter seus limites demarcados através da Lei Municipal nº 1.965/98 de 09 de setembro de 1998, passando a partir deste decreto a ser integrado como bairro da cidade de Picos do Piauí.

De acordo com nossos estudos, Maria Francisca de Sousa Rodrigues (2014) Dona Maria Irene Luz uma das primeiras pessoas a assumir a presidência da Associação de Moradores do bairro São José, afirma que por volta do fim da década de 1970 início de 1980, uma das primeiras lutas travadas pela mesma foi a retirada de algumas famílias do bairro que

moravam em áreas de risco, com apoio da prefeitura da cidade na época, conseguiram transferi-las para a parte plana do morro para terrenos doados pela prefeitura onde hoje é o bairro Morada do Sol, ou seja, desde o fim dos anos 1970 o bairro começa aos poucos receber famílias que foram se estabelecendo e construindo suas sociabilidades.

Segundo o depoimento oral de Maria dos Remédios da Silva Ramos⁴, com a construção da BR 316 – pelo 3º Batalhão de Engenharia Civil que se instalou na cidade na década de 1970 – que corta a cidade de Picos vieram trabalhadores de diversas partes do Brasil com suas famílias e instalaram-se nesta cidade. Foi o caso do seu pai que veio do Ceará para a cidade de Picos, trabalhar nesta construção trazendo consigo sua esposa e filhos.

Em depoimento, Helena da Silva Ribeiro⁵ relata como se encontrava o local onde hoje é o Morada do Sol, quando chegou no início dos anos de 1980:

[...] quando chegamos era tudo mata, a única casa que tinha era a do *seu* (sic!) Zé Crente, ele morava em uma casinha de taipa com a sua mulher e os filhos, também vim pra cá com meu marido e meus filhos pequenos e começamos juntos a construir nossa casinha. Eu e meu marido conseguimos nosso ‘pedacinho de chão’ por 300 cruzeiros, barato demais, no mesmo tempo muita gente começou a comprar e construir aqui, o povo vinha trabalhar no BEC, ou vendendo verdura das roças na feira do Centro ou em outros trabalhos. Eu mesma vim do Ceará, aqui tem gente que no tempo veio de Santana, Oeiras, Floriano, sabe... Tem gente aqui de todo canto. (RIBEIRO, 2014).

Segundo esta depoente naquele tempo a maioria dos terrenos da parte de cima do morro eram de propriedade do senhor Chico Caiçara, e estavam sendo vendidos a preços muito baixos facilitando o acesso das famílias a obter posse dos mesmos.

De acordo com o relato oral do senhor José Francisco da Silva:

[...] quando cheguei aqui em Picos vindo de Floriano nas eras de 80 pra 90 fui morar na Rua Santa Helena, lá já moravam umas famílias em umas casinhas populares cedidas pela prefeitura da cidade... Porque eles moravam em uma área alagada ali embaixo onde hoje é o bairro São José, mais minha família só montou sua casinha de taipa e começou a morar ali naquela vilinha de casas, aí eu depois que casei comprei esse terreno aqui nessa parte central do bairro já nos fins de 90, mais naquele tempo tudo isso aqui ainda era mato, não tinha escola, nem igreja e nem posto de saúde. (SILVA, 2015).

⁴ Maria dos Remédios da Silva Ramos, 53 anos, faxineira é moradora do bairro Morada do Sol há 33 anos. **Depoimento** concedido à Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 2015.

⁵ Helena da Silva Ribeiro, 68 anos, Dona de casa aposentada, antes trabalhava em casas de família fazendo faxina ou cuidando de crianças é moradora do bairro Morada do Sol há 28 anos. **Depoimento** concedido à Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 2014.

No início da década de 1980 não existia saneamento básico, problema que até hoje atinge o bairro, tão pouco energia elétrica ou água encanada, os moradores tinham que procurar água nas casas que se localizavam nas encostas do morro que estavam situadas no bairro São José onde já dispunha desse sistema. Sobre a questão do abastecimento de água, as senhoras Maria dos Remédios da Silva Ramos e Dona Helena da Silva Ribeiro nos relataram em depoimento que:

[...] Eu tinha que ir buscar água lá na Rua São Pedro perto do Centro, depois foi que colocaram um chafariz aí embaixo no Bairro São José e a gente ia buscar lá as águas e trazer na cabeça os baldes, já que não tinha condição de colocar uma carga de água em um animal pra subir o morro depois. (RAMOS, 2015).

[...] eu ia buscar água lá em baixo, tinha uma conhecida minha lá no bairro São José que me dava. A energia então demorou um bom tempo, graças a Deus tinha o filho do Sr. Zé, ele trabalhava na Difusora de Picos e conseguiu através do patrão trazer energia pra cá [...](RIBEIRO, 2014).

Ainda de acordo com essas antigas moradoras do bairro Morado do Sol, demorou muitos anos pra ser feita a instalação da água encanada nesta parte da cidade. Somente por volta de 1990 fora construída uma caixa d'água encima do morro, dentro do próprio bairro e aí então encanaram água na casa de todos, sendo que também servia e serve até hoje para abastecer algumas ruas do bairro São José que se localiza na encosta do morro.

Dona Helena ainda afirma que antes mesmo de a energia ser instalada no povoado Morada do Sol, seus moradores costumavam fazer “gambiarras” dos postes que ficavam no bairro São José para as suas casas. Mas ocorria que muitas vezes no meio da noite as pessoas iam lá de “má fé” e cortavam os fios, ninguém sabia se eram moradores do Morada do Sol ou do bairro São José, mas tirando isso o sossego reinava naquele ambiente, mesmo chegando todo dia uma família nova no local, todo mundo logo se familiarizava e conviviam cordialmente ajudando uns aos outros a enfrentar as dificuldades do dia-dia.

Dentro deste contexto Dona Maria dos Remédios da Silva Ramos afirma que mesmo depois que colocaram a energia elétrica nem todas as famílias tinham condições financeiras de instalar em casa já que tinha que ser paga. Ela relata que nesse tempo não tinha energia elétrica na sua casa e muito menos se podia ter televisão:

[...] o que ocorria é que de noite eu e meus irmãos mais novos ‘pegava’ uma lamparina e ia pra casa do meu irmão mais velho que no tempo já era casado, sabe... aí lá ele tinha televisão e a gente ia assistir novela lá de noite, mais naquele tempo tinha um toque de recolher que dez horas da noite a energia acabava e só voltava no outro dia, aí a gente já ficava de olho na hora esperando o toque. (RAMOS, 2015).

Segundo os estudos de José Murilo de Carvalho (2004), na década de 1980 o país passava por uma fase em que as políticas públicas recém saídas da Ditadura Militar “engatinhavam” aos poucos para uma tentativa de “redemocratização” e que a atenção para as classes menos favorecidas aos poucos ia sendo forçada por conta dos movimentos populares que marcaram aquela década. Portanto, quando se trata de educação poucos ainda tinham acesso a alfabetização e muitos menos ao ingresso no ensino superior de acordo com Darlan Adalberto da Costa (2013) a educação superior ainda se encontrava destinada a poucos.

Quando o bairro Morada do Sol começou a ser povoado ainda não havia nada em suas dependências inclusive escolas. Silvani da Silva Ribeiro nos conta que ao chegar ao bairro aos 13 anos teve que ir estudar no Ginásio Marcos Parente porque não tinha nenhuma outra escola mais perto de casa:

[...] Quando cheguei aqui em fevereiro de 87 minha mãe foi procurar escola pra eu estudar e só achou a mais perto lá embaixo no Marcos Parente lá na Bomba, nesse tempo a escola lá ainda era pequena nem se compara ao prédio que tá hoje, aí eu ia todos os dias com uma colega que morava aqui vizinha e passava na casa de outra que morava aí embaixo no bairro São José que também nem era bairro ainda porque mal tinha uma casa ou outra perdida no mato ou nas roças... Em tempo de chuva era um sacrifício grande descer esse morro com a lama e o mato cobrindo, nós chegava na escola toda suja (sic!) de barro. (RIBEIRO, 2014).

Hoje no bairro existem duas escolas funcionando no mesmo prédio que é a Creche Municipal Zeca Curica que abriga séries desde o maternal até o 5º ano no período da manhã, tendo sido inaugurada em 1998 e a Unidade Escolar Morada do Sol funcionando à tarde com turmas do 3º ao 5º ano e a noite com turmas do EJA, sendo esta inaugurada só em 2002.

Portanto, os alunos do bairro Morada do Sol quando necessitam estudar séries do Ensino Fundamental Maior ainda precisam se deslocar para outros bairros da cidade assim como ocorria há 30 anos atrás quando o bairro começou a surgir:

[...] Mulher aqui na Morada do Sol o caso é sério, quando eu cheguei quase 30 anos atrás tive que estudar em outro bairro porque aqui ainda tava começando a ser urbanizado, até aí tudo bem, mais quando eu paro pra ver que até hoje a situação é a mesma que meus filhos sofrem, como eu há anos atrás, tanto de falta de escola quando de acesso desse bairro com os outros que ainda continua triste já que a gente não tem nem rua bem arrumada pra andar imagina essas ladeiras aí pra sair do bairro todas esburacadas. (RIBEIRO, 2014).

[...] Eu quando cheguei tive que ir estudar lá no Centro onde hoje é aquele museu sabe... o pouco que estudei foi lá... Meus irmãos que são mais letrados estudaram de lá pro Marcos Parente lá embaixo, eu mesma estudei poucos anos, eu era mais velha aí ia trabalhar na roça com meus pais, quando chegava da roça só almoçava e aí pra escola, ‘num’(sic!) fiquei muitos anos na escola não, aí também ligeiro casei e abandonei os estudos de vez, até porque mesmo se eu quisesse estudar não tinha como sabe... minha família era pobre e não tinha condição de dar estudo pros filhos não... quem quis estudar lá de casa só fez isso depois que cresceu que trabalhou e se virou. (RAMOS, 2015).

Podemos perceber então que embora o tempo tenha passado o bairro tenha crescido tanto de forma física quanto populacional o descaso das autoridades locais com essa zona ainda afastada do Centro da cidade continua o mesmo, prova disso se percebe no momento que se entra no bairro e vê a sua estrutura física.

Em 1989 o bairro ainda não dispunha de uma Unidade Básica de Saúde, Dona Helena da Silva Ribeiro relatou que ao precisarem de atendimento médico se dirigiam a Unidade Básica de Saúde Belinha Nunes no bairro Bomba e em casos mais graves ao Hospital Regional Justino Luz:

[...] Quando a gente adoecia ou precisava vacinar as crianças a gente ia pro ‘Belinha Nunes’ ou então pro ‘Regional’ [localizado no bairro Bomba] em casos muitos graves. Mais em casos graves mesmo, quando gente adoecia aí, a gente fazia era remédio caseiro mesmo com as plantas que a gente tinha, toda dona de casa que se prezasse tinha no quintal de casa plantas que serviam pra essas doenças como gripe, febre, diarreia e outras também. Até porque médico não era qualquer um que tinha condição de pagar, aí a gente fazia os remédios em casa, se por acaso esses não resolvessem aí sim a gente ia pro hospital caçar um médico que era difícil mais a gente precisava se arriscar. (RIBEIRO, 2014).

[...] Eu plantava no quintal eucalipto, hortelã, erva-cidreira, e também tinha uns que nasciam aí por conta do tempo mesmo, soltos na natureza como o velame, aqui em cima tinha era muita mata dessa planta. Essas ervas serviam demais pra gripe, e também pra fazer misturas com outras coisas e criar remédios que serviam pra muitas doenças, eu mesma, inclusive a maioria das pessoas não íamos atrás de médico por qualquer coisa não, até porque nem tinha... No bairro São José tinha a farmácia de Dona Leda Luz, aí a gente ia lá e dizia o que tava sentindo e ela consultava o remédio pra gente. Também tinham as doenças de crianças que a gente levava eles pra ‘rezadeira’ quando tavam doentes, tanto criança como adulto também. (RAMOS, 2015).

Devido à situação precária que se encontrava as políticas públicas no país neste período o acesso a uma saúde pública de qualidade era inexistente. Segundo o historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) essa deficiência tornava a prática do curandeirismo e uso de plantas medicinais comum na sociedade interiorana do país. A automedicação era algo muito comum como o uso de plantas medicinais, portanto, o autor

ainda explica que pessoas desprovidas de conhecimentos científicos realizavam também tratamentos de saúde com rezas e feitiçarias. Lembremos que isto ocorria quando uma doença era considerada menos grave, quando viam que seria um caso urgente com acompanhamento médico aí levavam para o único hospital que existia que era o Justino Luz.

A primeira capela do bairro fora construída em 1998, através do projeto de lei nº 22/98 sancionado pelo então presidente da Câmara de Vereadores da cidade de Picos Elias Pereira Lopes e aprovado pelo prefeito municipal da época José Néri de Sousa em 27 de agosto de 1998, onde era doado para o povoado Morada do Sol um lote de terras de 1.200 m² para a construção da Igreja de São José Operário, já que até aquele ano ainda era considerado zona rural da cidade estando integrado ao já existente bairro São José que tinha como padroeiro São José Operário.

[...] Quando a gente chegou aqui ainda não tinha igreja no bairro, cansei de ir pras missas na igreja no centro de Nossa Senhora dos Remédios e também na ‘Igrejinha’, a gente também participava quando fizeram a igreja no bairro São José... Também tinham os tempos de festejos que faziam as novenas nas casas de todo mundo, aí era uma festa só, todo dia era na casa de uma família, aí iam as famílias, os vizinhos, mulheres, homens, moças e crianças tudo nos terreiros conversando depois que tinham essas novenas. (RAMOS, 2015).

Ao falar sobre a religião Dona Maria dos Remédios da Silva Ramos nos dá a entender que as pessoas eram participativas nas atividades eclesiais, indo com frequência as missas e participando de forma empolgada das suas solenidades. Além disso, a entrevistada nos conta que naquele tempo a cidade era muito pequena não tinha muitas opções para as famílias ou jovens se divertirem e quando estes lugares existiam ainda não permitiam acesso a qualquer membro da sociedade, sendo que toda a vida social desde as práticas religiosas até os momentos de lazer dessas famílias do bairro giravam em torno da Igreja.

[...] Quando a gente ia missa no Centro, aí juntava algumas famílias e ia todo mundo junto, crianças correndo e brincando e os ‘grandes’ atrás conversando... Quando acabava a missa aí todo mundo ia pra praça ficar jogando conversa fora. Eu era moça nesse tempo aí juntava com minhas colegas e ficava passeando em volta da praça, as vezes paquerando, mais tudo sem chamar a atenção das nossas famílias que estavam presentes. (RAMOS, 2015).

Através destes passeios pelo presente e o passado do Bairro Morada do Sol, buscamos analisar o cotidiano dos moradores deste bairro tanto nos dias atuais quanto no começo de sua formação há mais ou menos três décadas atrás, compreendendo assim como se dão as relações

cotidianas dentro deste espaço urbano desde as relações que estabelecem uns com os outros quanto das que passam a existir ao transitarem por outros espaços da cidade.

Ao viajar para o passado analisamos o surgimento do bairro e junto com ele o estabelecimento destas relações cotidianas que possuem reflexos até os dias de hoje entre os moradores do bairro Morada do Sol e adjacências, observando assim pontos comuns entre o passado e o presente, tanto da estrutura física quanto no âmbito das relações sociais de quem vive dentro deste *espaço particular* situado em um ambiente público localizado na cidade piauiense de Picos.

Capítulo 2

O BAIRRO VIOLENTO: DISCURSOS E CONTRADIÇÕES NA DÉCADA DE 1990.

Os gregos, que tinham bastante conhecimento, de recursos visuais, criaram o termo *estigma* para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o *status* moral de quem os apresentava. (GOFFMAN, 1988, p. 11).

Neste capítulo peço que nos acompanhem na análise do estigma que paira na vida dos moradores do bairro Morada do Sol que define este espaço como palco de práticas violentas onde impera a desordem e a insegurança, marginalizando tanto o seu espaço físico quanto as pessoas que o habitam. De acordo com a citação acima ao falar de *estigma* Erving Goffman (1988) diz ter sido criado pelos gregos, que se referiam a sinais corporais que determinariam uma identidade boa ou ruim de quem os carregava.

Partimos para a nossa análise baseados no que já vimos anteriormente no nosso passeio ao presente do bairro e na nossa viagem pelo seu passado. A nossa atenção se volta agora para os discursos de moradores de outros bairros da cidade de Picos que já existiam antes do Morada do Sol ou que vieram a nascer no mesmo período de tempo (já que como já foi visto, este não foi o único bairro a surgir na cidade de Picos no período da década de 1980), para que possamos compreender quando surgiu este imaginário e qual meio pode ter estabelecido esta identidade violenta. Esses **relatos orais** dos *outros* foram comparados com **notícias de jornais** e com **boletins de ocorrência** registrados desde o período em que o bairro passou a receber um maior contingente populacional ainda no século XX até a chegada do presente século XXI.

Portanto, agucem primeiro os ouvidos para os discursos de quem não viveu no bairro Morada do Sol naquele período, mas que acompanhou o estabelecimento de sua identidade de “bairro violento” pelo lado de fora do seu espaço. Assim sendo, deixem logo apostos as suas luvas de látex e máscaras porque logo após iniciaremos o nosso check-up sobre os documentos empoeirados deixados pela mídia do século passado e também sobre os boletins de ocorrência registrados pela polícia naquele período. Atenção! Silêncio que lá vem história...

2.1 Discursos estabelecidos pelo *olhar do outro*⁶.

No ano de 1985 a cidade estava sob o comando da administração municipal do prefeito Abel da Silva Barros. De acordo com uma matéria publicada no jornal *O Macambira* da cidade de Picos, em 20 de junho de 1983, fica explícito que naquele período a Prefeitura Municipal de Picos estava cedendo terrenos para as famílias mais carentes nas áreas superiores aos morros que estavam em torno do Centro da cidade como diz neste trecho de reportagem:

A Prefeitura Municipal de Picos administração Abel Barros, doou recentemente a pessoas consideradas de baixa renda dezenas de terrenos localizados em zonas impróprias para a habitação humana... Estes terrenos estão localizados em sua maioria, a margem esquerda do rio Guaribas, podendo ser avistados do Centro Administrativo. Neste local foram doados 120 lotes e a maioria dos novos proprietários já deram início à construção dos barracos, usando papelão, arame, madeira e barro encontrado no mesmo lugar da obra... Uma outra zona que foi escolhida pelo prefeito pra se transformar em favela, foi o Morro da Mariana. Por detrás do Cine Spark foram doados mais de 50 lotes e a exemplo dos outros, os proprietários já deram início a construção da favela que por sinal, ficará entre as duas zonas mais privilegiadas da cidade: o Centro e a “Vila Barão”.⁷

Além de notificar o surgimento destas novas áreas habitacionais em torno da cidade, o jornal também deixa explícito a sua insatisfação ao ver a Prefeitura permitir que as áreas principais da cidade fossem rodeadas por casebres de pau-a-pique. José Murilo de Carvalho (2004) ao falar do forte aumento populacional no Brasil na década de 1980, deixa claro que esse inchaço populacional favoreceu somente aos direitos políticos no país, porque a realidade é que nesse período surgiram inúmeras favelas por todo o Brasil havendo nas grandes cidades uma concentração de populações marginalizadas desprovidas de direitos sociais básicos como saneamento, educação, saúde e principalmente segurança. Ainda em análise ao surgimento destes novos bairros em Picos podemos perceber que desde o seu surgimento essas populações já começavam a ser discriminadas pela localização onde as suas casas eram construídas. Ainda de acordo com José Murilo de Carvalho (2004) houve um afastamento intencional dessas populações do centro das grandes cidades neste período de expansão urbana, o objetivo era mantê-los afastados para que as cidades mantivessem um ar de modernidade, escondendo a “sujeira” por debaixo do tapete.

⁶ A expressão “olhar do outro” foi tomada de empréstimo do trabalho de SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007. p. 61.

² Abel cria favelas. Jornal **O Macambira**. Picos, 20 jun. 1985 p. 06.

É na produção da favela, em terrenos públicos ou privados invadidos, que os grupos sociais excluídos tornam-se, efetivamente, agentes modeladores, produzindo seu próprio espaço, na maioria dos casos independentemente e a despeito dos outros agentes. A produção deste espaço é, antes de mais nada, uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência. Resistência e sobrevivência as adversidades impostas aos grupos sociais recém-expulsos do campo provenientes de áreas urbanas submetidas às operações de renovação, que lutam pelo direito a cidade. (CORREA, 2000, p. 30).

Com base na citação acima podemos sugerir que no momento em que estas populações marginalizadas são expulsas ou deslocadas para outras partes da cidade, ocorre um modelamento daquele espaço, ou seja, as populações ao se fixarem neste novo ambiente irão aos poucos criando uma identidade única para aquele espaço que somente será sentida por quem ali vive.

Ao falarmos de identidade façamos primeiro um esboço do que vem sendo discutido sobre este conceito na atualidade. Stuart Hall (2001) fala sobre uma “crise de identidade”, em vista de que na modernidade as identidades foram estabilizadas e levadas ao declínio, dando espaço para que surjam novos conceitos para o sujeito moderno que anteriormente era visto de forma unificada, passando a ser a partir de então fragmentado perante o meio social. Neste momento Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) nos mostra que *identidade e diferença* são termos inseparáveis, pois ambos se apoiam um no outro, já que “[...] A identidade constrói a diferença, e a diferença constrói a identidade” (SANTOS, 2007. p. 65). Ou seja, o que é diferente concebemos como o *outro*, este ao ser concebido define o *eu*. Este *eu* que vai ser definido é tanto individual quanto coletivo no momento em que tratamos de âmbitos sociais como classe, etnia, sexualidade ou nacionalidade (SANTOS, 2007).

Para entender como os moradores do bairro Morada do Sol eram vistos por outras partes da cidade de Picos conversamos com um morador do bairro São José localizado em suas proximidades, e depois com um morador do Bairro Centro localizado longe das suas dependências. Procurando identificar a partir do discurso de ambos, como o processo de desenvolvimento e estigmatização do bairro Morada do Sol foi visto ou até mesmo estabelecido pelo olhar de outras partes da cidade.

Primeiro entrevistamos um morador do bairro São José (localizado nas encostas do bairro Morada do Sol) que também surgiu basicamente no mesmo espaço de tempo e contexto social do bairro Morada do Sol. A escolha deste morador se deu pelo fato de residir na parte inferior daquele morro com acesso mais fácil a outras partes da cidade e também por estar

localizados à beira da BR 316 que dava acesso ao Centro da cidade e aos visitantes que por aqui chegavam (RODRIGUES, 2014). Os moradores do bairro São José tiveram acesso a melhorias em sua estrutura física de forma mais rápida – ainda na década de 1980 (não excelente) após sua povoação – do que o bairro Morada do Sol, com a implantação de calçamento, água encanada, iluminação pública, saneamento básico (precário mais em situação melhor que o do bairro Morada do Sol que até hoje ainda não possui) igreja e escolas. Devido este desenvolvimento ocorrer de forma mais rápida quem era morador do ainda povoado Morada do Sol era obrigado a transitar e manter relações com os moradores do bairro São José, pois lá se encontravam pequenos comércios, um chafariz que distribuía água para as duas populações, igreja, escola e mais tarde um posto de saúde que atendia ambas as populações.

Em conversa com Antônio Manoel de Sousa Leal⁸ sobre o contato com os primeiros moradores do bairro Morada do Sol o mesmo afirma que:

[...] No início [meados da década de 1980] começou a chegar gente nova e ir morar aí encima do morro, lá ‘num’ tinha nada, nada... Era só mato, cheio de moitas... Daqui debaixo [bairro São José] não dava pra ver casa nenhuma, era só uma imensidade de moitas, aí começou a ir gente pra lá e cada dia se dava notícia de mais gente descendo o morro pra trabalhar aqui embaixo nos rumos do Centro, das roças ali pros lados do rio [vazantes no rio Guaribas], tinha gente que também ia pro 3º BEC sabe... Aí começaram a passar em minha bodega e compravam umas coisinhas de cozinha mesmo até porque eu só vendia essas coisas de necessidade do dia-dia como arroz, açúcar, gordura [óleo de cozinha]... Sabe essas coisas miúdas de urgência das donas de casa. Sei que começaram a frequentar meu comércio e pagavam a vista, com o tempo a gente começou a criar uma camaradagem, vi que era gente direita aí fui dando crédito e tinha vez que deixava levarem mercadoria no fiado mesmo, eu tinha um caderno só para isso sabe... Naquele tempo as coisas não eram muito fáceis pra ninguém não. Sei que com o tempo fui criando amizade com alguns, que inclusive não continua até hoje porque já morreu mais como eu quero dizer com a convivência se soube que era gente honesta e trabalhadeira como nós aqui, até porque não é porque antes as coisas eram mais sossegadas que se saía dando confiança pra qualquer um que aparecesse, principalmente eu que era dono de bodega. Também tinham as mulheres que tinham que descer o morro pra pegar água aqui embaixo por que lá encima não tinha nenhum poço pra eles usarem água pra beber ou cozinhar sabe. Aí tinha uma mulher... Helena o nome dela... ficou amigada da minha falecida esposa, e ela dava água pra ela vim buscar aqui todo dia... Era mulher com muito filho pequeno fazia dó deixar passar necessidade. (LEAL, 2015).

⁸ Antônio Manoel de Sousa Leal, 58 anos, morador do bairro São José há 35 anos. Na década de 1980 era dono de um pequeno estabelecimento no bairro São José que fornecia suprimentos básicos para os moradores das redondezas. **Depoimento** concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 2015.

Percebemos que no discurso do senhor Antônio Manoel de Sousa Leal, ele via essa gente que chegava para morar no povoado Morada do Sol, como pessoas de confiança já que diariamente tinha contato com estas ao se deslocarem de suas casas para outras partes da cidade para trabalhar e também no momento em que pagavam suas contas em dias ou que cumpriam com algum compromisso estabelecido entre ambos. Ao ser questionado sobre o bairro Morada do Sol ser atualmente considerado perigoso, e que muitas pessoas têm medo de ir até lá ele fala que:

Eu até hoje graças a Deus só lidei e fiz amizade com gente de bem daquele lugar. Desde o começo acompanhei o desenvolver daquele bairro e posso dizer com certeza que lá desde sempre mora gente de bem, aqui mesmo fica bem no pé do morro né? A vida toda nós aqui cansamos de dormir de porta aberta do lado de fora da casa em dias de calor, ou então ficar com a porta aberta durante o dia mesmo sabe... Nunca nessa vida que naquele tempo aconteceu de sumir nada da casa de ninguém como hoje em dia acontece de sumir até de porta trancada, eu mesmo sempre tive minha vendinha e nunca fui assaltado, os enrolões (sic!) na hora de pagar contas esses sempre existiram e vão existir né. Mais crimes como a gente vê hoje em dia naquele tempo nunca existiu. Só minha filha (sic!) que de 90 [1990] pra 2000 começou uma tal de droga nesse mundo que inutilizou foi tudo num foi só a Morada do Sol não, se fosse só lá a cidade podia tá era sossegada que todo mundo sabia de onde vinha o problema. Essa tal droga acabou foi com tudo com relações de amizade, de parentesco acabou foi com o respeito pra com o outro. (LEAL, 2015).

Quando o senhor Antônio Manoel de Sousa Leal nos fala sobre a chegada das drogas naquela sociedade interiorana a qual os bairros pertenciam recordo-me de José Murilo de Carvalho (2004) ao falar sobre o aumento populacional nas cidades que ocasionou o surgimento alarmante de grupos marginalizados aumentando o consumo de drogas e do tráfico nas grandes cidades do Brasil.

O rápido crescimento das cidades transformou o Brasil em um país predominantemente urbano em poucos anos. Em 1960, a população rural ainda superava a urbana. Em 2000, 81% da população já era urbana. Junto com a urbanização, surgiram as grandes metrópoles. Nelas, a combinação de desemprego, trabalho informal e tráfico de drogas criou um campo fértil para a proliferação da violência, sobretudo na forma de homicídios dolosos. Os índices de homicídio têm crescido sistematicamente. Na América Latina o Brasil só perde para a Colômbia, país em guerra civil. (CARVALHO, 2004. p. 212)

Portanto podemos perceber que a rápida expansão das cidades brasileiras resultou em grandes problemas sociais entre eles o mais notório refere-se ao aumento da insegurança nos espaços urbanos, o aumento da violência no país desde este período é gritante, roubos, assalto a mão armada, sequestros, bala-perdida, assassinatos entre outras formas de violência

assustam os moradores das grandes cidades brasileiras sobretudo dos que moram em áreas pobres, que são esquecidas pelas autoridades locais, submetendo estes lugares a uma estigmatização não somente do seu espaço físico mas também do caráter de quem o habita.

Após observar o olhar de um morador do bairro São José, vizinho do bairro Morada do Sol, vejamos agora o olhar de um morador do bairro Centro, territorialmente longe do Morada do Sol mais de onde se pode ter uma visão do morro onde este mesmo se encontra localizado. O que gerou certo incômodo da população no momento em que esta entre outras ‘favelas’ foram criadas na cidade de Picos encima dos morros que rodeavam o centro da cidade ou que podiam ser avistados de lá.

Ao estudar Neurivan de Brito Freire (2014) o mesmo nos conta que de acordo com suas pesquisas o município de Picos foi elevado à cidade por volta de 1890, mais ao investigar sobre a sua fundação e desenvolvimento urbano, pode constatar que até meados da década de 1950 o Centro da cidade exibia condições precárias de infraestrutura como também abrigava ares interioranos, sendo este símbolo de uma cidade colonial. Mas a partir de então a cidade passa por um processo de modernização e expansão territorial tendo o seu auge na década de 1980. De acordo com os relatos coletados por Freire (2014) o Centro nesta época era considerado o espaço mais privilegiado e movimentado da cidade de Picos, nele estavam abrigados, em torno da Praça Félix Pacheco, alguns casarões de famílias abastadas que se expandiam pela atual Avenida Getúlio Vargas (atualmente a principal Avenida do Centro da cidade) comércios, lojas, restaurantes, sorveterias, cinema e igrejas.

Portanto, no bairro Centro em 1980 estavam localizados os ambientes sociais aos quais os moradores de toda a cidade se destinavam para participar de algumas práticas cotidianas como ir à missa e depois passear pela praça adentrando em bares e restaurantes, como também para o trabalho nos comércios.

Em depoimento Maria Rosa Ferreira da Silva⁹ fala sobre o momento em que Picos começou a sofrer um aumento no seu número de bairros devido ao alto contingente de pessoas que a cidade recebia naquele momento.

[...] Eu moro aqui na Coelho Rodrigues [Rua Coelho Rodrigues, até hoje existente e localizada no Centro de Picos, por trás da Avenida Getúlio

⁹ Maria Rosa Ferreira da Silva, 63 anos, dona de casa aposentada, residente no bairro Centro da cidade de Picos Piauí há 50 anos, a mesma formou-se na Escola Normal Superior de Picos em 1972 mais nunca exerceu o magistério por ser proibida pelo seu marido, ao casar-se pouco tempo depois da formatura. **Depoimento** concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 2015.

Vargas] desde o dia que cheguei aqui em Picos vinda lá do interior de Bocaína. Cheguei aqui em... 65 [1965] se não me engano, quando cheguei aqui ali onde hoje é o Regional [Hospital Regional Justino Luz] era tudo parte da Zona Rural da cidade, num tinha esse monte de rua, prédio, mercado... Essas coisas não. A parte mais cheia de casas da cidade era aqui no Centro, mais aqui num era arrumado não, o calçamento a energia e água encanada veio tudo depois... Agora em 80 aqui era muito bonito, ali na praça mesmo era lindo, tinha até fonte com água que subia pra cima (sic!) isso enchia a gente de orgulho, pois Picos tava ficando parecida com cidade moderna naquela época. Nesse tempo a cidade começou a crescer e o comércio também aumentou, teve muita gente que deixou de morar aqui ou ali do outro lado na avenida [Avenida Getúlio Vargas] e até mesmo em frente da praça [Praça Félix Pacheco] só pra vender ou alugar as casas pra ponto comercial. Como tinha muita gente nova na cidade vinda do interior pra trabalhar aqui no tempo ou ali na *Rua dos Armazéns* [desde aquele tempo até hoje se chama Rua do Cruzeiro, Rua dos Armazéns é um apelido dado para a mesma já que abriga vários armazéns comerciais com mercadorias que são distribuídas pra toda a cidade] ou em outros pontos da cidade aí esse povo todo começou a se amontoar aqui nas redondezas do Centro e o povo falava de terrenos que iam ser doados pra essas pessoas morarem. (SILVA, 2015).

Dona Rosinha (como passará a ser chamada de agora em diante a depoente Maria Rosa Ferreira da Silva) fala que no tempo o povo não gostou muito de saber que a prefeitura iria doar terrenos pra essas pessoas morarem nas dependências dos morros que cercavam a cidade, pois algumas não tiveram paciência de receber a doação e começaram a invadir esses terrenos construindo moradias de todas as formas algumas de pau-a-pique outras de madeira e papelão ficando localizados em frente da Praça Félix Pacheco no bairro Centro ou:

[...] Pior ainda de todo lado do Centro da cidade a gente se via morro com um monte de casinhas malfeitas se não bastassem também foram dados os terrenos da entrada da cidade pra quem vinha de Teresina pra cá, aí que o povo comentou mesmo que Picos agora ia ficar parecendo uma favela que ia ser vista logo na entrada, graças ao nosso queridíssimo prefeito da época que era Abel... Nesse tempo o povo acabou demais com ele dizendo que ao invés de fazer a cidade ficar mais bonita, mais organizada, aquele homem tava transformando ela em uma favela. (SILVA, 2015).

Nesta fala da Dona Rosinha podemos perceber o preconceito que era destinado a aqueles novos locais que passaram a ser habitados por pessoas de baixa renda, antes mesmo de serem estabelecidos as pessoas já se encontravam desfavoráveis a sua construção que fugia dos moldes que o imaginário da cidade já havia imposto sobre aquele ambiente, a partir do momento que se fugia daquele modelo estrutural da cidade que já se encontrava estabelecido, antes mesmo de se ter conhecimento da vida naqueles locais ou das pessoas que neles viviam características negativas já lhes foram atribuídas devido a fuga dos padrões estruturais já estabelecidos por aquela sociedade.

Ao questionarmos Dona Rosinha sobre as relações com os moradores do Bairro Morada do Sol na época e sobre este ideal que existe de lá ser considerado um bairro violento a mesma responde:

[...] Nossa nunca tive muito contato com as pessoas de lá, se sabia que era um ambiente muito feio de difícil acesso porque ficava encima do morro. Dizia que era lugar de gente valente, volta e meia tinha briga de *chapreado* [descarregador de mercadorias que chegavam em caminhões] que morava lá, ali na Rua dos Armazéns aí saía risca-faca e tudo mais. O povo aqui não era muito de pisar lá não, se falava que não tinha nada nem mesmo casas mais bonitas de tijolo, lá era tudo de taipa ou lona, papelão, enfim não passava nem perto de se parecer aqui com o Centro naquele tempo... Mulher também não é a toa que lá hoje tem essa fama toda, naquele tempo do fim de 80 pra 90 [1990] se dava notícia de gente falando de briga lá nos armazéns, jornal mesmo dava notícia de crimes entre o povo de lá ou os que saíam de lá pra roubar por aqui, aí de 2000 pra cá apareceu esse tráfico de drogas que dão notícias que os chefões moram de lá pra aqui na Aerolândia [bairro Aerolândia], tenho certeza de nada só sei que de 2000 pra cá Picos piorou foi muito principalmente quando se fala da nossa segurança. (SILVA, 2015).

O aumento da violência no país desde este período é gritante, roubos, assalto a mão armada, sequestros, bala-perdida, assassinatos entre outras formas de violência assustam os moradores das grandes cidades brasileiras, sobretudo dos que moram em áreas pobres, que são esquecidas pelas autoridades locais, submetendo estes lugares a uma estigmatização não somente do seu espaço físico mais também do caráter de quem o habita.

Para entender essa estigmatização dos espaços físicos e sociais compartilhamos das ideias de Michael Pollak (1989) que explica que a memória coletiva dos acontecimentos do passado, busca através de tentativas (julga-se conscientes) definir e estabelecer limites sociais entre coletividades, reforçando assim sentimentos de pertencimento e fronteiras entre grupos localizados dentro de um mesmo espaço social.

O que observamos então a partir da reportagem no jornal O Macambira e do depoimento da Dona Rosinha moradora de uma zona distante do bairro Morada do Sol, é que antes mesmo de serem construídos aqueles novos espaços urbanos ou no momento em que ainda começavam a ser habitados, já haviam discriminações direcionadas a aqueles moradores da parte da população da cidade, a simples presença das chamadas “favelas” já incomodava a população picoense pelo fato de se localizarem próximas as zonas privilegiadas do Centro da cidade onde se encontrava instalada a sua elite social como também os principais pontos da cidade aos quais os visitantes teriam contato sendo estas “favelas” avistadas do centro na parte superior dos morros que o circundavam.

Já o depoimento do Senhor Antônio Manoel de Sousa Leal que morava ao lado do Bairro Morada do Sol e acompanhou os passos da sua fundação é contraditório ao da Dona Rosinha, podemos constatar que isto ocorre porque um morava ao lado e acompanhava de perto diariamente a vida e as dificuldades enfrentadas por aqueles moradores, já o outro por morar distante acompanhava somente *as falas* de *outros* que circulavam pela cidade e criavam um imaginário sobre a identidade das populações que moravam naquele bairro formando assim o que viemos a chamar de *o olhar do outro*. Partindo desta mesma concepção vejamos agora como este imaginário fora divulgado pela mídia da cidade de Picos através das notícias do jornal *Vale do Guaribas*. Todo mundo com luvas e máscaras em mãos, que a pesquisa vai continuar!

2.2 Analisando a mídia em 1990.

De acordo com a pesquisa constatou-se que o início do discurso de marginalização do bairro Morada do Sol começou a partir da década de 1990 quando o bairro já se encontrava com um contingente populacional considerável. Ao trabalharmos com o olhar da mídia perante aquele espaço utilizamos o jornal *Vale do Guaribas* de Picos do Piauí, existente naquela época partindo do final dos anos 1980 até o início dos anos 2000, mas se encontrando extinto nos dias atuais. Através da análise desta fonte hemerográfica constatamos que o mesmo ao longo dos seus anos de existência (em comparação com a análise de outros jornais como *O Macambira* e *A voz de Picos* datados do mesmo período) publicou o maior número de notícias sobre crimes cometidos no bairro ou de pessoas que moravam lá e se destinavam a outras partes da cidade para praticar desordem. Sendo que as poucas vezes que citavam o bairro Morada do Sol era pra falar de crimes e violência o que contribuiu para a divulgação e criação desta identidade marginalizada – de “bairro violento” – que circunda o bairro até os dias de hoje.

Na década de 1990 não foram poucas as reportagens que falavam das más condições da estrutura física do bairro Morada do Sol. Naquele período o bairro se encontrava com uma população maior em comparação com a que possuía na década de 1980 como relata José Francisco da Silva:

Foi em 90 [1990] que vi o bairro aqui crescer de uma hora pra outra sabe... O número de casas aumentou foi muito, criou essas ruas novas aí do lado de onde hoje é a igreja, ali pra cima no rumo da Santa Helena [rua Santa Helena] também criou um monte de viela nova... O povo começou construir casa nova de tijolo, aqui a minha ainda era de taipa nesse tempo mais num demorei pra começar reformar ela e fazer toda de tijolo não. Também começaram a botar bodega aí pra povo comprar alguma coisa que precisasse mais nada muito grande era só um quartinho que o povo abria na frente da casa e vendia um monte de miudeza. Aí também começaram a botar bar onde vendiam pinga e cerveja também aí nesse tempo começou circular mais gente aqui sabe... Aí o povo vinha visitar algum amigo aí tinha pra onde sair e se entreter. (SILVA, 2015).

Nesse momento mesmo havendo um considerável aumento populacional as autoridades da cidade não voltavam sua atenção para uma melhor estruturação das ruas, o que gerou uma nota no jornal *Vale do Guaribas* intitulada “*Esquecimento da Morada do Sol*”. O jornal falava:

[...] Embora a cidade de Picos venha se desenvolvendo de forma considerável nas últimas três décadas e principalmente agora neste final de século, o descaso com algumas partes periféricas da cidade é notório, para constatar isso, basta fazer uma visita a Morada do Sol, localizada na entrada da cidade sentido Picos a Teresina. Ao chegarmos naquele local podemos observar a total situação de esquecimento vivida pela população daquele ambiente quando se fala em melhorias no seu espaço público. O local não possui nenhuma rua com calçamento, a maioria das casas é de pau-a-pique que pode proliferar descontroladamente a doença de chagas, não possui saneamento básico, nem mesmo um posto de saúde para atendimento da população e a energia ainda é gerada a motor com toque de recolher as 22 horas. E ainda nos últimos tempos é palco de disputas entre gangues formadas por jovens de lá com gangues de outros bairros periféricos, estando além de tudo desprovida de segurança pública¹⁰.

Acreditamos que no momento em que a reportagem já possui no título a expressão “o esquecimento” – ao se referir à falta de manutenção da estrutura física do bairro e das condições de vida dos seus moradores, inclusive da falta de segurança devido a brigas de gangues – esta já contribui para se gerar no imaginário das populações da cidade, a ideia de um local perigoso para se visitar, e também que lá as pessoas viveriam atrasadas em relação aos bairros centrais da cidade que já se encontravam mais desenvolvidos como é citado na reportagem. Portanto, um ideal de ambiente perigoso e de uma população pobre e marginal começava a se difundir para outras partes da cidade que se encontravam localizadas longe dali e só tinham contato com aquele local através das informações veiculadas pela mídia.

No dia 15 de maio de 1993 o jornal *Vale do Guaribas* veiculava a seguinte manchete “*Lixões ficam expostos na entrada de Picos*”. Esta matéria jornalística informava que o lixo

¹⁰ Jornal *Vale do Guaribas*. Picos, 12 de abril de 1992. p. 08.

estava tomando de conta das extremidades dos morros onde estavam situados o bairro Morada do Sol e Aerolândia.

[...] Se não bastassem todos os problemas de infraestrutura de Picos que ainda precisam ser reparados, agora a entrada da cidade para quem vem no sentido de Teresina se encontra “enfeitada” pelo lixo que escorre pelas extremidades dos morros onde se localizam os bairros Morada do Sol e Aerolândia. Em entrevista com moradores do bairro São José localizado na parte inferior da Morada do Sol os mesmos denunciaram que os moradores da Morada do Sol que moram na “beira do morro” estão jogando o seu lixo lá da parte superior para a parte de baixo sem se incomodarem se estará atingindo a casa ou o terreno de alguma família, isso ocorre porque no bairro ainda não existe coleta de lixo, sendo que alguns quando não colocam fogo no mesmo (o que gera incômodo na população do bairro São José por conta da fumaça) só jogam lá de cima para baixo. E não adianta os populares reclamarem, já que esta prática continua sendo realizada com tanta frequência que quem chega em Picos na entrada logo vê a descida do morro toda cheia de lixo, gerando inclusive volta e meia brigas entre os moradores do bairro São José e Morada do Sol [...] ¹¹.

No momento em que é veiculada esta notícia podemos perceber que quando se fala da falta de preocupação dos moradores do bairro Morada do Sol em atenderem ao pedido dos habitantes do bairro São José gerando inclusive conflitos entre ambos, é colocado um ideal de que estas pessoas que moravam lá eram mal-educadas e não se preocupavam com o próximo e nem em conviver bem com o outro já que não procuravam mudar os seus hábitos.

Em uma manchete datada de 12 de março de 1997, podemos ter uma ideia da forma que a identidade – de “bairro violento” – daquele bairro foi construída, através do título da manchete **“Tiros e morte em noite de terror na Morada do Sol”** como também através da imagem que se encontrava anexado em que a vítima do assassinato se encontrava dentro do caixão e ao lado o autor do crime, ambos negros e de classe baixa.

Três tiros e uma morte. Esse foi o saldo de uma arma na mão do lavrador aposentado José Raimundo Reis, o mestre Zé Reis, de 77 anos na noite de quarta-feira, na rua Projetada, na Morada do Sol, em Picos. O aposentado assassinou o trabalhador avulso Antonio Alves, mais conhecido por Pedro Relou, de 46 anos, casado, pai de 7 filhos, e ainda baleou na perna o ajudante Francisco Antonio Alves Pereira, de 17 anos, filho da vítima [...] O aposentado alegava que os adolescentes [entre eles o filho da vítima] estavam jogando pedras no seu telhado e foi reclamar com eles, quando surgiu Pedro Relou com um facão para matá-lo. Presionado diz ter pego um revólver [...] quando o filho da vítima agarrou-lhe por trás e a arma disparou acertando Pedro no coração [...] ¹².

¹¹ Lixões ficam expostos na entrada de Picos. Jornal **Vale do Guaribas**. Picos, 15 de maio de 1993. p. 10.

¹² Tiros e morte em noite de terror na Morada do Sol. Violência. Jornal **Vale do Guaribas**. Picos, 12 de março de 1997. p. 08.



Figura 09: Tiros e morte em noite de terror na Morada do Sol¹³.

A exibição destas imagens e destas manchetes sobre crimes seguidos de morte por motivos banais ocorridos no bairro Morada do Sol, tanto ajudou a reforçar o ideal de marginalização que foi construído para aquele bairro, quanto contribuiu para que as pessoas de outras partes da cidade tivessem medo de se deslocarem até as suas dependências. Os moradores do bairro Morada do Sol passaram a ser estigmatizados quando circulavam por outras partes da cidade, pois além das péssimas condições estruturais que o bairro possuía o mesmo passava a ser identificado pelos atos de violência que ocorriam nas suas dependências e eram retratados pela mídia.

Essas tensas relações sociais onde um grupo estigmatiza outro, também podem ser observadas nas cidades de Timon-MA e Teresina-PI. Apesar de pertencerem a estados diferentes, estas cidades são muito próximas – apenas o rio Parnaíba divide e une-as – o que leva muitos a dizerem que Timon constituiu o maior bairro de Teresina. No entanto, os estudos do historiador Raimundo Nonato Lima dos Santos (2007) apontam o fato de que o olhar da mídia teresinense, da década de 1980, contribuiu para a criação de um imaginário de que Timon seria uma *cidade sem lei*. O mesmo adverte que o que diferencia estas cidades – no que se refere às práticas de violência em suas dependências – é a intensidade com que ocorrem estes acontecimentos e como são praticados. A cidade de Teresina está mais propensa a ter altos índices de violência devido a sua dimensão e complexidade, já nas cidades pequenas estas possibilidades de ocorrerem atos violentos se tornam menores devido

¹³ Tiros e morte em noite de terror na Morada do Sol. Jornal Vale do Guaribas. Picos, 12 de março de 1997. p. 08.

às relações singulares existentes em seu espaço. O autor coloca que a identificação de uma *violência urbana*, não é algo simples já que “[...] uma interpretação de um ato como violento é muito subjetiva. A sua classificação vai depender do contexto histórico-social em que ele está inserido [...]” (SANTOS, 2007, p. 73.).

Portanto, é necessário nos atentarmos para o contexto histórico, para que possamos definir um ato como violento. Vejamos agora um quadro contendo os números de notícias veiculadas pelo jornal Vale do Guaribas relacionados ao bairro Morada do Sol na década de 1990, conscientes de que a maioria destas estavam localizadas nas páginas policiais do jornal.

QUADRO 1: Notícias sobre o bairro Morada do Sol, veiculadas no jornal Vale do Guaribas durante a década de 1990.

TIPO DE MATÉRIA			
ANO	PSV*/ PIB**	OUTROS ASSUNTOS	TOTAL
1990	06	05	08
1991	05	05	10
1992	10	04	14
1993	09	03	12
1994	07	02	09
1995	13	04	17
1996	15	05	19
1997	16	06	22
1998	19	04	23
1999	17	02	19
TOTAL	114	40	153

Fonte: Quadro produzido a partir das pesquisas realizadas nos arquivos do jornal Vale do Guaribas, cedido do arquivo pessoal de Francisco da Silva Moura.

(*) Práticas de sociabilidade violenta realizadas no bairro Morada do Sol e/ou pelos seus moradores em outras partes da cidade de Picos.

(**) Problemas de infraestrutura no bairro Morada do Sol.

Portanto, em vistas dos dados representados no quadro acima podemos constatar que o número de reportagens sobre violência e problemas de infraestrutura no bairro ultrapassava consideravelmente as que falavam sobre assuntos variados que aconteciam naquele espaço, como práticas tradicionais religiosas ou culturais. Esse fato também ocorreu em Timon. Os jornais de Teresina privilegiavam veicular notícias violentas sobre esta vizinha cidade maranhense. Assim, da mesma forma como lá em Timon foi constatado por Santos (2007) uma manipulação da realidade por parte da mídia da cidade vizinha, também podemos

constatar que no bairro Morada do sol em Picos aconteceu essa construção “irreal” de um espaço urbano, só que neste caso estas informações foram veiculadas pela mídia da própria cidade onde o mesmo se encontra localizado.

Alfredo Vizeu (2005) explica que a concepção tradicional das notícias tem a ideia de que esta vem inserida nos veículos de comunicação como um *espelho da realidade*, mais na verdade dentro de toda a complexidade que gira em torno da concepção de notícia o que se pode afirmar é que esta reflete o ponto de vista do jornalista que a divulga. “[...] A seleção dos acontecimentos que o jornalista enuncia pressupõe, da sua parte, um *juízo*, na maior parte dos casos implícitos, acerca da relevância e do seu interesse para o público”(VIZEU, 2005).

O jornalista Perseu Abramo (2003) também fala de um padrão de *ocultação da realidade*, que ocorre no momento em que selecionam o que vão reproduzir ou não em suas notícias, pois antes de ser publicada há uma reunião de pauta entre as equipes, que determina o que vai ser veiculado ou não, em alguns casos “fechando os olhos” para a realidade. Constatamos então que notícias publicadas em veículos de informação não devem ser consideradas totalmente verídicas ou como a única versão de um fato, já que no momento de sua produção a mesma será adequada as exigências da maior parte do público que irá recebê-la já que antes de tudo as empresas de comunicação fazem parte da sociedade capitalista e estão situadas no mercado com a intenção de obter lucros antes de tudo, ou seja, quanto maior a audiência, maiores será a geração de lucros.

E aí preparados para uma última análise em busca de constatar a manipulação ou não da construção da identidade do bairro Morada do Sol? Bora lá porque o fim da caminhada está próximo!

2.3 Um exame sobre a Violência: Identidade manipulada ou realidade social?

No início da nossa caminhada falamos dos constrangimentos sofridos pelos moradores do bairro Morada do Sol no momento em que passavam a circular por outros espaços da cidade de Picos. Primeiro estes constrangimentos ocorriam por conta da estrutura física do bairro, no momento em que as crianças se dirigiam às escolas sendo caçadas por conta dos seus *pés vermelhos* do barro que cobre as ruas do bairro Morada do Sol até os dias atuais. Curiosamente este mesmo fato ocorria em Teresina basicamente no mesmo intervalo de tempo durante a construção do Conjunto Habitacional Itararé, sendo discutido por Jairon Silva (2009). Neste caso a discriminação ocorria quase da mesma forma no momento em que os

moradores deste bairro que estavam surgindo na cidade de Teresina abrigando uma população extremamente pobre, necessitavam se deslocar ao Centro da cidade para trabalhar ou em busca de realizar outras atividades (já que o novo bairro no período não supria com as necessidades dos seus moradores). Neste momento sofriam discriminação nos ônibus por conta dos *pés vermelhos* do bairro que começava a ser habitado e ainda não dispunha de uma infraestrutura básica qualificada. Assim, mais uma vez podemos os reportar aos estudos de José Murilo de Carvalho (2004) que discute o rápido crescimento das cidades no país a partir das décadas de 1970 e 1980 e seus múltiplos problemas sociais e urbanos.

Esses *pés vermelhos* dos moradores do bairro Morado do Sol em Picos e dos moradores do bairro Itararé em Teresina são o que podemos chamar de “categorias estigmatizantes” segundo os estudos de Erving Goffman (1988). Este sociólogo explica que na sociedade são estabelecidos os meios de ‘categorizar’ as pessoas e o total de atributos que cada categoria deve possuir.

Baseando-nos nessas preconceções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. [...] Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. (GOFFMAN, 1988. p. 12).

Em suma, Erving Goffman explica que passamos o tempo todo fazendo afirmações sobre aquelas pessoas que estão ao nosso redor, buscando então identificá-las ou fazer com que *preenchem essas exigências* que fazemos. No momento em que sentimos que estas exigências não são preenchidas identificamos estas pessoas como diferentes, excluindo-as do conceito que criamos sobre normalidade, tornando esta pessoa *má, perigosa ou fraca*.

Neste momento devemos nos lembrar das notícias divulgadas pelo jornal Vale do Guaribas, que durante os anos de sua existência, veiculou notícias que contribuíram para a marginalização dos moradores do bairro Morada do Sol. Isto porque sempre destacavam notícias sobre crimes no local ou problemas na sua infraestrutura urbana, criando então o *olhar do outro* sobre aquele ambiente. Ou seja, olhar das outras pessoas da cidade perante aquele bairro que viam retratado nas notícias do jornal, onde pode ser constatado no momento em que analisamos o depoimento de Dona Rosinha, moradora do bairro Centro, que acompanhou o desenvolvimento daquele lugar através das falas cotidianas das pessoas que conviviam com estes moradores no seu ambiente de trabalho no centro da cidade, que eram divulgadas se baseando nas notícias que eram transmitidas pelos veículos de informação da época.

Importante ressaltar que o depoimento do Senhor Antônio Manoel de Sousa Leal, morador do bairro São José, vizinho ao Morada do Sol (também afastado do Centro da cidade) contradiz esta fala do *outro*. Ele acompanhou de perto a formação e o desenvolvimento do bairro Morada do Sol, mantendo inclusive laços de amizade com seus moradores, e constatou que as pessoas que vieram morar ali eram também como ele. Ou seja, vieram para Picos em busca de melhores condições de vida se instalando em uma área periférica da cidade. Ao falar das mudanças ocorridas no bairro vizinho, ainda assim o depoente concebe este acontecimento como consequência do aumento do tráfico de drogas (consequência do aumento populacional das grandes cidades) e que este não tinha efeito somente naquela parte da cidade, mantendo ainda assim a sua visão sobre o caráter honesto das pessoas que ali habitam. Da mesma forma ocorre no momento em que questionamos os próprios moradores do bairro Morada do Sol sobre o aumento da violência no local.

[...] Olha com o tempo o lugar aqui começou encher de gente, e você sabe né? Onde tem muita gente não tem como evitar confusão... aí começou a ficar mais movimentado, com igreja, escola, posto de saúde, bar.... Também encheu de rua nova como tá acontecendo até hoje [...] Eu sei que quando começou a ter bar aqui aí botavam umas serestas o povo ia beber, vinha gente de fora pra aqui, e começou lá por *dois mil e alguma coisa* (sic!) [ano 2000] e também em 90 ainda... aí começou vim uns grupinhos de outros bairros da cidade, o povo dizia de gente lá do Chão dos Padres, [atual bairro Paroquial, localizado nas redondezas do bairro Aerolândia, e também do Centro, considerado atualmente um bairro perigoso da cidade de Picos] só sei que de vez enquanto davam notícia de risca faca aí na rua que no tempo falavam até de rivalidade entre os bairros, o povo bebia demais e queria dá uma de valente brigando com os que morava aqui.... Eu sei que se isso acontecia era só entre esses *vagabundos* aí, a gente de família, seria mesmo daqui do bairro nem frequentava esses bares [...] Aqui mesmo na minha rua (Rua Projetada 120) sempre foi sossegado... Aqui moram a maioria dos moradores que vieram no começo da ocupação daqui, que nem a Dona Helena aí do lado, nunca se teve até hoje confusão entre nenhum, desde que chegamos aqui até os dias de hoje tudo que a gente fez foi se ajudar... Aquele tempo não tinha nada fácil, não é como hoje em dia [...] Tudo bem que aqui as condições do bairro não são as melhores, mais em vista de quando cheguei aqui hoje tá um paraíso. (SILVA, 2015).

[...] Olha esse negócio que aqui só tem bandido é conversa de quem não conhece o lugar, até porque existe violência em Picos todinha (sic!)... Desde nova vim morar aqui e quando cheguei o povo tinha costume era de dormir ou passar o dia com porta aberta, criar bicho (sic!) [animais como galinhas, porcos, etc.] no terreiro nunca sumiu nada, aí com o tempo começou a aparecer os roubos mais isso foi porque veio muita gente pra aqui, agente não tinha mais conhecimento de quem vinha pra aqui como no começo [fundação do bairro] mesmo assim aqui tem muita gente de bem, trabalhadeira que até hoje dá duro pra conseguir alguma coisa, também tem até rico por aí com mansão escondida. (RAMOS, 2015).

Através da fala dos moradores do bairro podemos ver que para si, o bairro onde vivem é um lugar comum igual às outras partes da cidade que também obtiveram mudanças no seu cotidiano com a expansão da cidade. Inclusive a esta possível manipulação da mídia com relação à identidade do bairro, pode ter ocultado práticas violentas realizadas pelos moradores de outros bairros da cidade no bairro Morada do Sol, já que como José Francisco da Silva nos relata, existiam grupos que vinham de outros bairros “arrumar” brigas por lá. Neste caso lembremos mais uma vez de Erving Goffman (1988) ao falar que alguns estigmatizados não se veem como portadores desta identidade, ambos não conseguem enxergar esta limitação das suas qualidades de acordo com os moldes impostos pela sociedade que não conhecem a sua capacidade e nesse caso o seu cotidiano.

As únicas mudanças que estes moradores viram ocorrer no seu cotidiano foram apenas geradas com o crescente consumo de drogas em toda a cidade e não somente no espaço onde estão inseridos. José Murilo de Carvalho (2004) explica que o crescimento do tráfico de drogas nas grandes cidades juntamente com o crime organizado contribuíram para o aumento da *violência urbana* o que tornou pior a vida de comunidades faveladas, que passam a ser controladas por traficantes devido à falta de segurança pública que como o mesmo afirma através de pesquisas passa a ser um dos setores sociais mais carentes da modernidade.

Façamos então uma relação entre as entrevistas orais de quem presenciou o cotidiano da cidade de Picos no período da década de 1990, com as ocorrências registradas no 1º Distrito Policial de Picos, sediado na época nas dependências do bairro Bomba localizado do outro lado da BR 316, vizinho ao bairro São José.

QUADRO 02: Ocorrências policiais do bairro Morada do Sol (1990)

OCORRÊNCIAS	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999
Assassinato	-	-	01	-	-	02	-	01	-	02
Acidente de trânsito	-	-	01	03	02	-	-	-	02	01
Arrombamento	-	01	03	04	05	04	07	10	10	15
Achamento de cadáver	-	01	-	01	-	03	03	-	-	-
Assalto	-	-	04	05	08	11	10	05	11	10
Ameaça de morte	02	04	03	06	-	04	-	03	02	-
Difamação	-	04	04	05	06	04	02	01	01	-
Danos materiais	-	02	01	05	04	02	-	-	01	01

Estupro	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-
Furto	01	01	05	07	09	16	20	22	20	18
Furto de contador de água	-	-	02	10	08	10	15	18	11	06
Invasão de domicílio	-	-	04	-	05	04	07	05	03	01
Sedução de menor	01	-	-	02	-	01	-	-	-	-
TOTAL	04	13	28	48	50	62	62	65	51	48

Fonte: 1º DP Picos – Livros de ocorrências policiais (1990- 1999).

De acordo com o que foi apurado nesta análise podemos perceber que eram poucos os casos de assassinato sendo que só vieram a ocorrer 06 dentro de uma década, sendo que o que mais aumentou neste período foram os assaltos e os furtos que juntando com os roubos a contadores de água totalizaram 199. Podemos assim observar que de acordo com a fala de alguns moradores a violência física não era algo que ocorria com muita frequência no bairro, os casos de assassinato não devem ser considerados alarmantes, ao contrário do que era retratado pelos jornais, e mesmo o aumento de furtos tendo crescido, devemos considerar como resultado da falta de segurança nestas zonas periféricas que cresciam no país. Em consideração aos outros crimes menos graves também podem ser considerados em quantidade normal, para a época, já que como disse José Francisco da Silva os conflitos são inevitáveis em um espaço com grande quantidade de pessoas.

Podemos constatar então que o olhar da mídia teve sim grande influência na construção da identidade marginalizada do bairro Morada do Sol em vista de que Vizeu (2005) fala que a mídia manipula as informações de acordo com o seu interesse estando também nas notícias veiculadas a sua visão sobre determinado aspecto, mais estas notícias que serão repassadas influenciarão de forma considerável a formação da opinião do indivíduo já que tradicionalmente se tem a ideia de que tudo que a imprensa fala é verídico. Não devemos isentar também as transformações pelas quais o país passou que provocou consideráveis mudanças na sociedade e nas cidades brasileiras, já que de acordo com José Murilo de Carvalho (2004) o fim da Ditadura Militar deixou o país com um crescimento urbano desordenado não estando político e economicamente capacitado para suprir os direitos básicos destas novas populações que chegavam as cidades.

Finalizamos aqui a nossa viagem pela história da formação do bairro Morada do Sol, e também pelos registros que foram sendo deixados pelo caminho que contribuíram para a construção da identidade marginal deste bairro. Só lembrando que não chegamos ao fim do trajeto nesta viagem, e sim somente abrimos uma porta para a análise destes discursos que continuam sendo construídos inclusive neste exato momento dentro desta *urbe* onde se encontra localizada a *Morada do Sol*. Obrigada pela companhia! E até a próxima!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar o bairro Morada do Sol pudemos perceber que como disse Raquel Rolnik (1995) com a modernidade às cidades que antes na Era Medieval possuíam todo o seu espaço cercado por muros físicos feitos de pedra, hoje em dia ainda se encontram cercadas por muros, mais estes além de serem invisíveis ainda estão localizados em diversos espaços da cidade. Invisíveis por serem construídos através das relações sociais que os moradores destes espaços diversos estabelecem entre si tornando aquele espaço “público” urbano um espaço privatizado somente seu, devido a relações pessoais que possuem mais principalmente através da relação que constroem com o seu próprio habitat.

Ainda de acordo com Raquel Rolnik, percebemos também que as cidades passam a funcionar como um ímã para quem busca melhores condições de vida. Na cidade de Picos não foi diferente. A partir do momento que a cidade começou oferecer melhores condições de vida, o espaço urbano começou a sofrer um inchaço populacional, que resultou na apropriação de terrenos surgindo novos bairros na cidade. Com este aumento de habitantes e também com as más condições de vida que este novo local oferecia a seus moradores o que ocorreu foi a junção de várias pessoas de diversos lugares que se viram obrigadas a conviver em conjunto com suas diferenças uma buscando ajudar a outra na maioria das vezes, contribuindo mais para que laços sentimentais fossem criados por estes moradores, surgindo então um sentimento de pertencimento ao local em que vivem, ocasionando então a privatização daquele local no ideal de seus moradores.

Roberto Lobato Corrêa (2000) explica que embora fragmentados, estes espaços urbanos precisam se articular entre si devido às necessidades que as sociedades capitalistas modernas os impõem. Como a necessidade de trabalhar, estudar, fazer compras, etc. Geralmente a maioria destes espaços está destinada a toda a população. É neste momento que as diferenças existentes no cotidiano destes espaços são notadas causando estranheza para os que não estão habituados com determinados problemas e fazendo com que este ‘novo’ seja repreendido.

Na realidade no ser humano existe certo medo do desconhecido. Mas ocorre que às vezes uma única imagem é criada e aplicada a um local inteiro embora dentro dele possa existir uma grande diversidade social e cultural. O problema é que isso não é muito pensado devido as consequências do mundo moderno, que criaram uma sociedade que teme a “tudo” e a “todos” cria-se certo preconceito para com o desconhecido que de certa forma interfere

drasticamente na vida das pessoas daquele local e por que não dizer, no desenvolvimento social daquele espaço.

A mídia tem grande poder de interferência no imaginário das pessoas, como observamos ao trabalhar com Abramo (2003) e Vizeu (2005) o jornal impresso assim como outros veículos que são responsáveis pela divulgação de informações sobre o cotidiano na nossa ou de outras sociedades, é totalmente capaz de manipular o imaginário de uma população no momento em que vão definir o conceito de algo informado ou que está ganhando destaque na sociedade. Nos dias atuais a internet é um veículo de comunicação soberano quando se fala em manipulação de ideais já que grande número da população mundial está conectada.

Mas o que podemos constatar é que no período da década de 1990 na cidade de Picos os jornais contribuíram sim para a formação da opinião dos seus moradores. No momento em que a cidade começou receber em grandes quantidades populações *estrangeiras*, que se instalaram dentro daquele espaço urbano, mais que foram fragmentados em diversos espaços afastados do centro da cidade, criando através de suas relações cotidianas uma identidade própria para si, neste momento identidades eram também criadas para aquele espaço por parte de quem acompanhava de ‘fora” o estabelecimento dessas populações recém-chegadas. Identidades estas que criaram um ideal marginalizado de quem morava nos novos bairros situados em torno do centro urbano de Picos, entre eles estava o bairro Morada do Sol.

REFERÊNCIAS

FONTES

Orais:

LEAL, Antônio Manoel de Sousa. Depoimento concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 20. Mai. 2015.

RAMOS, Maria dos Remédios da Silva. Depoimento concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 10. Fev. 2015.

RIBEIRO, Helena da Silva. Depoimento concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 28. Out. 2014.

RIBEIRO, Silvaní da Silva. Depoimento concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 28. Out. 2014.

SILVA, José Francisco da. Depoimento concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 13. Fev. 2015.

SILVA, Maria Rosa Ferreira da. Depoimento concedido a Maria Francisca de Sousa Rodrigues. Picos, 15. Mai. 2015.

Documentais:

REORGANIZAÇÃO GEOGRÁFICA DOS BAIRROS DE PICOS- PI. Picos. 1998

PROJETOS DE LEI DA CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES DE PICOS- PI. Picos. 1998.

Hemerográficas:

JORNAL VOZ DE PICOS. Picos, jan., 1983-1987.

JORNAL O MACAMBIRA. Picos, jun. 1983.

JORNAL VALE DO GUARIBAS. Picos jan. 1990 - Dez. 1999.

PIAUI, Secretaria de Segurança Pública - SSP-PI. 1º Distrito Policial de Picos.

Livros de Ocorrências Policiais (1990-1999).

Bibliográficas:

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. In: **Obras escolhidas**. – vol. III- São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 157-177.

CERTEAU, Michel de; MAYOL, Pierre; GIARD, Luce. O bairro/ Os fantasmas da cidade/ Espaços privados. In: **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 37-45; 193-207.

COSTA, Darlan Adalberto da. **A instalação da Universidade Federal do Piauí na cidade de Picos e o crescimento desta instituição e dos programas de ensino, pesquisa e extensão**. Monografia apresenta ao Curso de Licenciatura Plena em História. Picos, Universidade Federal do Piauí, 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 4 ed. São Paulo; Ática, 2000. p. 7-35.

FREIRE, Neurivan de Brito. Práticas cotidianas dos moradores do bairro Centro, da cidade de Picos, estado do Piauí, na década de 1980. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **As cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano**. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 57-60.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: As fronteiras da discórdia**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 135 p.

MOURA, José Elierson de Sousa; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. “**Uma cidade Estranha**”: a instalação do 3º BEC e as produções de sentidos sobre a cidade de Picos durante a década de 1970. Disponível em:

<http://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1397498925_ARQUIVO_Umacidadeestranha.pdf>. Acesso 31 abr. 2015.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio: estudos históricos**. Rio de Janeiro. v.2, n. 3, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist., v. 27, n. 53 de Junho de 2007.

RODRIGUES, Maria Francisca de Sousa. Bairro, cotidiano e vivência: práticas cotidianas dos moradores do bairro São José na cidade de Picos, estado do Piauí, na década de 1980. In: SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos (Org.). **As cidades de Clio: abordagens históricas sobre o urbano**. Teresina: EDUFPI, 2014. p. 37-55.

ROLNIK, Raquel. Definindo a cidade. In: **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, memória e identidade na cidade de Timon na década de 1980**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) Universidade Federal do Piauí. Teresina: UFPI, 2007.

SILVA, Francisco Jairon Veras. **Degradação e orgulho: do Itararé ao Grande Dirceu (1977-1982)**. Monografia apresenta ao Curso de Licenciatura Plena em História. Teresina, Universidade Estadual do Piauí, 2009.

VIZEU, Alfredo. **A produção de sentidos no jornalismo: da teoria da enunciação a enunciação jornalística**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt>>. Acesso em: 20 mai. 2015.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Maria Francisca de Sousa Rodrigues,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
A moradia do Sol nos picos urbanos: a formação do bairro Mo-
resta do Sol na cidade de Picos e a construção de sua identidade singular (1980-19
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 19 de Novembro de 2015.

Maria Francisca de Sousa Rodrigues
 Assinatura

Maria Francisca de Sousa Rodrigues
 Assinatura

